

## As mesmas causas produzem idênticos efeitos

O erro fundamental de que derivam todos os conflitos que agitam actualmente o Mundo, é querer-se adaptar à época presente, filha de concepções filosóficas e científicas que têm produzido transformações admiráveis na psicologia das gentes, ideias que há cem anos se inclinavam já a uma decadência inevitável. E como já não é possível pela persuasão apenas convencer os povos dos milagrosos benefícios que adviriam duma experiência que, na data própria, não conseguiu os resultados apregoados, vá de adoptar-se outros processos—os violentos em extremo—mais absurdos ainda e consequentemente menos convincentes.

Esse erro patenteia-nos que uma noção atrofiadora se encauscou no cérebro das classes que melhor deveriam ter assimilado as modificações produzidas, resultantes de fenómenos averiguados e que deram aos homens e às próprias coisas, uma directriz diferente daquela que as referidas classes desgraçadamente concebiam!

As chamadas civilizações egípcia, grega, romana, tiveram épocas próprias. As ideias que as sustentaram sofreram, porém, abalos tremendos e afastes porque se observaram essas modificações constantes que entre si mesmo representam mui nitidamente diferenças extraordinárias nos costumes e nas aspirações, especialmente, das gerações que se sucederam.

As grandes perturbações históricas, observadas através dos tempos, são disso prova inofusável, que ninguém com responsabilidades dentro do movimento da sociedade, poderá olvidar.

As ideias filosóficas que determinaram a revolução francesa gastaram sem dúvida dezenas de anos para se encarnarem na alma do povo, mas lá chegou o momento em que o seu poder se manifestou com toda a retumbância, o que ainda hoje é recordado em toda a parte.

Foram essas ideias, geradas no sofrimento da humanidade e na sua natural tendência para se libertar

## O IMPERIALISMO NA CHINA O Japão mantém uma luta de rivalidades com as potências ocidentais

Os acontecimentos na China vão tomar novos aspectos. As potências refinam os seus preparativos de guerra, como se uma luta decisiva fosse a perspectiva momentânea. Causam assombro, na Europa e no Oriente, as atitudes ameaçadoras que as nações imperialistas estão assumindo perante o movimento nacionalista, coincidindo suas atitudes com o formal protesto enviado pela Rússia soviética ao governo de Pequim.

Sabe-se que o Japão mobiliza o seu exército e aparelha um número cada vez maior de navios. A expedição de um corpo expedicionário japonês à China tornou-se o boato corrente na imprensa estrangeira. Mas o que deve merecer maior crédito é a notícia de uma mobilização geral, ao mesmo tempo que a hipótese de uma guerra contra a Rússia deve ser posta de remissa.

A imprensa de Tóquio, talvez como justificativa subtil da mobilização japonesa, noticiou que os soviéticos concentravam grandes massas de tropas na Sibéria e na Manchúria. Como as relações soviéticas com o governo de Pequim têm o grave aspecto de um rompimento, explica-se a atitude do Japão com o argumento de que não quer ser envolvido nas hostilidades, desejando melhor exercer um papel de sócio mediador.

Afastar a hipótese de uma guerra com a Rússia está o facto de o ministro cantonense dos negócios estrangeiros propor ao Japão a abertura de negociações que tivessem por fim um acordo regulador da actual concessão japonesa de Hankow. O ministro dos estrangeiros de Cantão é o sr. Eugénio Chen, o aílado director da política nacionalista. A opinião do imperialismo inglês insurgiu-se contra a anunciada sugestão da república cantonense, o que demonstra a inconveniência da Inglaterra numa qualquer contemporização do governo de Tóquio com o governo nacionalista da China.

O Japão é que não mostra disposição de seguir a política britânica. O grande império oriental participou da última guerra com o fim de conquistar a antiga colónia alemã de Tsing-Tao, ocupar a província chinesa de Chantung, apossar-se das minas de ferro e assambarcar as naturais riquezas da Mongólia oriental. Depois, aproveitou o ensejo de uma luta entre generais chineses para ganhar o seu predomínio militar na China.

Mas os Estados Unidos não puderam suportar a preponderância do Japão e aliaram-se à política britânica no Extremo Oriente. E em 1921 o tratado de aliança anglo-japonesa foi esfacelado durante a conferência de Washington. A rivalidade dos norte-americanos conseguiu triunfar e o Japão começou sentindo imediatamente o seu isolamento do mundo. O império japonês teve de renunciar, por consequência, ao regime de porta aberta na China, à ocupação militar da província de Chantung e à posse de Tsing-Tao.

E' por todos estes motivos que o governo de Tóquio não se convence a trilhar a política dos gabinetes de Washington e de Londres. Como a política do governo de Pequim não agrada aos interesses do Japão, este império tem hesitado nas suas atitudes, sem ocultar, contudo, o seu ódio à revolução chinesa.

O Japão, em suma, faz uma política muito particular, escusando-se a qualquer acordo tácito ou formal com as outras potências, perante as quais afirma insistentemente o seu desejo de não se imiscuir nos negócios da China. Esta neutralidade é considerada

pelo gabinete de Londres como uma política de subtilezas e hesitações, muito desagradável para os interesses britânicos no Oriente. E os meios diplomáticos da Inglaterra não dissimulam o seu descontentamento em face à atitude do governo de Tóquio, porque pressente que o império japonês alimenta a ambição de ascender a um lugar no Oriente em que a sua influência seja mais sólida do que a hegemonia ocidental.

Se o Japão mobiliza, contra quem fará a guerra? Fazendo-a contra a Rússia, não ficaria beneficiada as potências imperialistas do Ocidente, que têm no império japonês um adversário perigoso e forte. O começo de que a situação na China se complica extraordinariamente não deixa de estar fundamentado nas realidades.

Actualmente, encontram-se nos portos e costas da China nada menos de 171 navios de guerra estrangeiros. São 67 da Inglaterra, 48 do Japão, 30 dos Estados Unidos, 10 da França e 4 da Itália, além dos navios de outras nações. Junte-se a estas forças as somas dos destacamentos militares que constantemente partem para a China e refilita-se depois de toda esta concentração terá apenas o objectivo de sufocar a revolução nacionalista.

As medidas militares do Japão

TÓQUIO, 14.—O governo ordenou a mobilização parcial do exército. Estão já prontos à primeira voz dois corpos de exército, cada um dos quais de 60.000 homens.

O ministro dos negócios estrangeiros recebeu uma nota de Moscou assegurando não terem os soviéticos quaisquer propósitos agressivos na Manchúria. O ministro Shidchira declarou considerar como certo que os soviéticos não invadirão a Manchúria, a não ser que a Rússia esteja preparada para uma guerra com o Japão.

Partiram para Xangai mais nove unidades navais.—(L)

Eugénio Chen conciliador

XANGAI, 14.—Segundo notícias de Hankow, o ministro Chen tencionava responder separadamente à nota de protesto das potências estrangeiras contra os ultrajes de Nanking, atacando os Estados Unidos, vigorosamente, e a Inglaterra dirigindo-se em termos conciliadores ao Japão, França e Itália.—(L)

Diversas notícias

Fala-se em vitórias dos nordistas

XANGAI, 14.—O número de mortos entre os comunistas atacados pelas tropas chinesas eleva-se já a mais de cem e o de feridos a mais de quatrocentos.

O ruído dos combates tem causado grande excitação na concessão internacional. As tropas nordistas ocuparam Euehu.

A greve geral proclamada pelas comunistas obrigou as autoridades chinesas a recorrer à força das armas, travando combates com o chamado exército trabalhador. O número de mortos eleva-se a 10 e o de feridos a 250.—(L)

PEQUIM, 14.—As tropas nordistas estão a 120 quilómetros de Xangai.—(L)

BERLIM, 14.—O exército nordista retomou Nanking e Wuhu.—(L)

BERLIM, 14.—Os comunistas manifestaram-se contra a intervenção estrangeira na China. O orador dum discurso convidou o povo a combater o imperialismo inglês.—(L)

## O grotesco de um espectáculo que caracteriza uma civilização senil e dementada

Para as religiões do antigo culto egípcio, era condição indispensável que, tanto os sacerdotes como os fiéis, tivessem, antes de se aproximarem das divindades, cumprido o dever de antecipadamente se limparem de qualquer mácula: se o contacto carnal com a mulher se tivesse praticado pouco antes, e se não se tivesse convenientemente lavado todo e, rigorosamente também, passado uma barba ao respectivo fato que encobre as misérias corporais—eles jamais se apresentariam aos actos solenes dos seus rituais. Os seus deuses exigiam a completa observância desta limpeza espiritual e material—e até mesmo que os seus ministros, além da satisfação duma grande quantidade de práticas diversas, rapassem, de três em três dias, o seu sagrado corpo...

Tudo isto era cumprido com uma voluntariedade religiosa digna de apreço, tal era o sentido respeito que aquela gente guardava aos preceitos fanáticos da época.

Evidentemente que não pretendemos que os nossos padres cometam a barbaridade duma tosquidão em forma ao seu sensível sistema piloso. Basta-nos, para a confirmação grotesca da existência de um clericalismo predador de mitos tão extravagantes como os antigos, de onde derivaram os modernos—a grave escóda da sua sacralidade e da engraçada rodela desenhada à navalha no cucuruto do crânio, como que a anunciar o princípio duma calvície precoce em cabeça arruinada por metafísicas desconhecidas...

Mas se não queremos aquele sacrifício destruidor dos pêlos humanos, deveríamos, pelo menos, que tanto os sacerdotes como o público crente, antes de transporem a sumptuosidade dos templos, fizessem uma detida análise de consciência, a ver se na intimidade dos seus actos interiores e exteriores algo haveria de pureza que os acreditasse, ainda que levemente, aos olhos de madeira, de pedra ou de vidro das imagens veneradas das igrejas...

Os clérigos de todas as categorias proclamam, a exemplo dos anos anteriores, esta semana como sendo a da humildade, a do sofrimento, a da dor—da Cruz. Nos seus sermões preliminares da grande semana, que vão desaguar, em catárticos efeitos teatrais, nos estafadíssimos sermões de lágrimas que se seguem às carpideiras cenas da apoteótica sepultura do Senhor Morto—lamentaram, no fingimento artístico desmentado, que a nossa geração neo-pagã passe «pela vida frenética correndo atrás da miragem do prazer»! Em vez de encaramos que a vida humana deve ser «uma luttuosa procissão de penitências», os «homens mundanos» portam em «converti-la numa excursão de festa e de gozo»...

Os sacros oradores exaltaram a necessidade de se ensinar ao respeitável pacóvio, que há-de sofrer, necessariamente, porque é homem. Para se limitar o escândalo, para se minorar a loucura da pagodeira terrestre—tem de se abraçar ao desespero da Cruz, porque «a dor é a companheira fatal da natureza humana»... e a «expição necessária»... Se Jesus sofreu, se Maria sofreu... «quererão os homens «renegar da glória da nossa raça»?»...

A fim-de que uma tal dor, de que um tal sofrimento, de que uma tal expiação entrem nos domínios da coerência, tornando-se, como querem os sacerdotes romanos, a vida humana «uma luttuosa procissão de penitência» em vez de convertida numa excursão de festa e de gozo—enquanto o desgraçado Nazareno vai sendo, para exemplo de

salvação humana, desancado pelos judaicos esbirros da imperfeição jeováquiana, e colocado no descanço do seu esquife doirado à moderna, que substituiu o incivilizado lençol de alvo linho, as pessoas gradadas da nossa terra, as famílias ricas, remediadas e bem burocratizadas do nosso burgo, vão esgotando os mercados, vão depenando as aves da predilecção culinária e vão assaltando as adegas e as confeitarias com infinitas e entusiásticas expressões de guloseima... para confirmação exacta do que está estramente cantado nos formosos, mas satirizantes, versos do imortal Junqueiro...

E enquanto e não... os sacrificados ministros de Deus vão, por sua vez, preparando já as suas coisas, e aproveitando esta aberta de feição política, para o restauracionismo, em muitas freguesias do bispado, do antigo sistema do compasso, isto é: da badalante pedinha do foliar para o senhor abade—para que nas férias da Páscoa regaladamente possam deliciar-se com as presbendas ofertadas pela lorpice simplória dos seus paroquianos... E assim se não renegará a glória da nossa raça... O sofrimento de Jesus, o sofrimento de Maria, ficará, desta maneira, vingados... porque, de par-e-passo que os privilegiados da sotaína, do comércio, da indústria e da finança podem contorcer-se nas dores, no desespero, na cruz das apoplexias determinadas pelos estomacais empurramentos dos bons acepipes da Páscoa—os miseráveis, os desempregados, os extenuados, viam, de início, em luttuosa procissão de penitência, porque desta é que resulta a excursão de festa e de gozo disfrutada pelos magnates da nossa civilização religiosa e social...

E admiram-se que uma boa parte dos nossos trabalhadores não se preocupe, como os seus antecessores camarádos do velho Egipto, com as delícias decantadas da outra vida: se o outro mundo existisse poderiam sofrer, como os egípcios trabalhadores dos campos e das cidades julgavam há milhares de anos, «a repetição dos sofrimentos e das fadigas desta vida»... Ora uma tal Páscoa, uma tal alceia, uma tal ressurreição, era muito bem dispensável...

Como, porém, não basta a teatralização do sacrifício lendário de Cristo efectuada nos templos da impostura religiosa, ela transplantou-se, também, para os templos da arte cinematográfica e de Talma, visto que tudo isto gravita à volta do negócio... à custa do doce Rabi, que talvez tivesse as costas largas... E aí temos como na encenação do palco, criaturas verdadeiramente plenas de pecados e de quantos defeitos podem existir no mundo, representando, encarnando, personificando, por momentos embora, a docura, a inocência, a pureza, a imaculabilidade, os sentimentos de maior isenção idealista do pobre e escarnecido Jesus que, simbolicamente, que regenerar o mundo nos princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade—trilogia estragada, há 1927 anos, em Jerusalém, como hoje o é ainda em todo o mundo capitalista...

Que, a falar verdade, alguma coisa de real se interpreta no pelco: são os papéis de Judas, de Pilatos, de Pedros, de Caifás e sobretudo... de Madalenas, que pouco se arrependem—porque aqueles papéis são a expressão nítida do que se passa em todos os actores desta vida repugnante em que vivemos...

Diógenes de SINOPE

## UMA QUESTÃO ANTIGA

### Porque continua sequestrada a única criança sobrevivente da «aparição» de Fátima?

A aparição da Virgem em Fátima é uma imitação da aparição da Virgem em Lourdes. Somente, em França foram necessárias algumas dezenas de anos para instituir aquela fábrica de milagres por grosso e a retalho, e neste país, por ser mais ignorante, mais rapidamente a mentira se implantou.

Em França, ainda houve a pobre Bernadette, figura simpática de alucinação mística que se prestou, com sinceridade, a desempenhar na comédia o papel de vítima e a sacrificar-se totalmente; em Portugal, bastaram três garotos sem mistério algum, cheios de ignorância e de terror, que não representaram em toda a farsa um papel de relvato. Ao passo que toda a Lourdes está impregnada da evocação de Bernadette, Fátima não possui o menor culto pelos garotos que guardavam gados e viram a Virgem, sem tirar os dedos do nariz.

S' forem interrogar, um a um, os milhares de fanáticos que vão a Fátima sobre o nome dos três garotos, eles replicarão que não sabem e que nunca para o averiguarem foram atacados da mais insignificante e mais pueril das curiosidades. E' que os fiéis de Fátima são mais rudimentares e mais boçais do que os de Lourdes. Pouco lhes importa—o que mais lhes devia importar: ouvir o testemunho dos três pequenos labregos que dizem ter visto a Virgem e consideram as suas declarações como três provas fundamentais, palpantes e vivas, da aparição miraculosa.

Aquilo revela que este país ainda merece ser considerado como uma pitoresca cursal dos territórios quasi virgens do interior de África. Para haver o milagre, basta que o sr. padre o diga e logo um rebanho marcha em tropel para o sítio onde a Virgem deslumbrou três fedelhos.

Bernadette foi exibida e os três garotos foram sequestrados. Dois deles morreram e dizem que foi a pneumonia que os matou, parecendo esse fim trágico e prematuro indicar que a Virgem não queria que as crianças falassem. A Igreja abandonou, a pesar do seu culto pelos mortos, que até pelas imagens dos santos se revela, os cadáveres das crianças que revelaram o milagre. Ninguém sabe onde elas foram enterradas; abra-se, nesta geral ignorância, uma excepção a favor da Igreja: esta sabe-o, mas não o diz. Não lhe convém... De certo foram parar à vala comum... à promiscuidade

da vala comum, como se fossem seres que tivessem morrido ao abandono, sem as lágrimas duma mãe e sem a ternura duma mulher, duma só mulher, apiedada...

Em dia de finados, dia em que os mortos não são esquecidos, em todo o país não há um único ser que vá ao seu ignorado coval ou mesmo à vala comum, admitindo que nela eles se encontram, deixar-lhes, como está-lhes devido, ou agradecer-lhes, um sinople, um baratinho, ramo de humilíssimas flores, manifestações de saudade...

Ao menos sabemos que a Igreja voltou as costas desdenhosamente, brutalmente, às duas crianças a quem a Virgem, entre toda a cristandade luttuosa, preferiu para se distinguir, honrando-as e santificando-as com a divina aparição. Mas a outra, aquela que a Igreja não deixou morrer ou de que não pôde desembaraçar-se—onde pará?

Todos os anos vão a Fátima milhares de mulheres que são mães. E—singular coincidência—nenhuma delas mostrou o menor interesse pela sorte dessa infeliz, dessa infeliz que teve como o Cristo um nascimento humilde e que foi distinguida com a aparição da Virgem que é a mãe sublime, que santificou o casamento, que purificou a carne, a mãe das mães!...

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### «Os cavaleiros da Paz»

«Os cavaleiros da Paz» é o título de um novo livro do sr. Eduardo Alves Quintela, membro da antiga Academia das Ciências de Portugal, que o dr. sr. Carneiro de Moura prefaciou e classificou de «uma obra moderna e humana».

A edição é da Livraria Rodrigues, rua Aurea, 188, Lisboa.

### Petição ao Sumo Pontífice

Foi ontem, para os fiéis o primeiro dia da peregrinação da Semana Santa. Uma multidão, vestida de negro, comprimiu-se durante longas horas nas ruas do centro da cidade, em lenta e nlegr e ruidosa visita às igrejas, onde se representava mais uma vez, em chlocha e antiquada teatralização, o velho e sedido drama do Calvário. Mais um ano em que Jesus falece à quinta-feira... Concordemos que isto não tem novidade e ameça perder o interesse, como já perdeu a devoção própria do dia. Se fôssemos crentes já há muito que teríamos redigido um extenso memorial, dirigido ao Papa, pedindo-lhe que matasse ou resuscitasse Cristo uma vez para todas e que inventasse outro pretexto mais moderno para as raparigas cascadoras virem passear para as ruas, vestidas de preto, a fim-de excitar a imaginação dos rapazes e provocar-lhes, com detalhes antoncedores, o sonho prolongado e meigo duma noite de sonhos, prometedoras e fecundas.

E—quem sabe?—talvez que o papa nos atendesce...

### Sexta-feira de Paixão

Chegou-nos às mãos o diário ainda inédito duma devota. Constituem-no algumas dezenas de notas íntimas, plenas de sinceridade e adoráveis de pitoresco. Ao acaso escolhemos estas:

«A certeza de que a Semana Santa decidiria do meu destino, encantava-me e enervava-me. Só uma indecisão me perturbava. o que igreja deveria ir? Um número da Paródia que me calu nas mãos por acaso trazia uma bonita caricatura, acompanhada desta legenda sugestiva e perturbante: «De que igreja gostaste mais, minha amiga?»

—Da dos Mártires.

Decidi-me pela dos Mártires. Dois meses depois casava... E ainda há quem teia a indignidade de duvidar da moral da nossa santa religião e de negar que o poder de Deus é infinito?...

## IMPRENSA

### «O Rápido»

Por ordem superior foi suspenso o mensário O Rápido, órgão da Associação de Classe dos Empregados dos Caminhos de Ferro da Beira Alta.

Escusado será salientar que contra tal medida protestamos.

## Os trespasses

Na próxima semana, um dos nossos redactores tratará, com o devido desenvolvimento, da questão dos trespasses de habitações e da roubalheira desenfreada a que eles dão motivo por parte de grande número de ambiciosos inquilinos e de gananciosos senhorios.

## EFEMÉRIDES

### 15 de Abril

1564—André Vesúlio, a quem cognominaram de pai da medicina, morre de fome e de miséria!

1846—Sublevação popular no Minho, conhecida na História por revolução da Maria da Fonte.

1869—As tropas espingardeiam os grevistas mineiros da Bélgica, ocasionando inúmeras vítimas.

1881—São enforcados em São Petersburgo—hoje Leninegrado—cinco milistas, como implicados na morte do Tzar Alexandre III.

1888—Sai em Mantova o primeiro número de O Amigo do Povo, semanário de crítica e sociologia.

1925—Na Colômbia é descoberto o plano duma revolta militar que tinha por fim a proclamação da ditadura, sendo presos onze oficiais.

## «Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Assinatura: ano 30\$00; semestre 15\$00.

Número avulso 3\$00.

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retirozeiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

## Horário de trabalho

### As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5318, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 1\$1. Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade fer-se-á um abtimento de 50 por cento em pte. Pedidos admittir-se-ão de A Batalha.

ASSINEM Os mistérios do Povo



## Teatro Maria Vitória

Parceria Teatral Ltd.  
Telefone N. 3614  
Sábado, 16 de Abril de 1937  
A'S 8 3/4 e 10 3/4  
Inauguração da Época de Verão  
Primeira representação da revista,  
original de Trindade Lisboa,  
música de Del Negro e Cruz e Sousa

## REVIRAVOLTA

Estreia da Nova Companhia  
Sociedade dos nossos primeiros sce-  
nários—União-Roupa e Imprensa  
Mistura de Teatro  
Ao Teatro Maria Vitória!  
Ao Teatro Popular de Revista!  
Ao preferido pelo público!

NOTÍCIA—O bilhete abre hoje de 13 horas com  
a venda livre para os primeiros espectadores.

## Foi parar à cadeia

o homem que defendia a pátria  
entinchando garrações...

... sob a acusação de ser bombista  
perigo!

Noticiou o *Século*, nos primeiros dias  
deste mês, que tinha sido preso Manuel da  
Silva Pinho e que, na sua residência, fora  
apreendido um aparelho de fabricar bombas.  
Segundo aquele jornal, a polícia tinha  
deitado a mão a um homem perigoso—tão  
perigoso que tinha realizado no fabrico de  
bombas um progresso formidável. Não mais  
bombas de fabrico manu! Nada de pro-  
cessos antigos: e o sr. Manuel da Silva  
Pinho, pessoa ultra-moderna, ia parar à cadeia  
por ter revolucionado, com o famoso ap-  
parelho que lhe foi apreendido, a arte de bem  
fabricar toda a bomba...

Ficámos bastante intrigados com a histó-  
ria e durante algum tempo cogitámos em  
que consistia o tal aparelho, até que o pró-  
prio inventor nos escreveu uma carta a de-  
silludir-nos e a fazer-nos a declaração peren-  
cia de que nunca, em sua vida, vira uma  
bomba. E explicava-nos a seguir que a po-  
lícia desviara a sua declaração e que não  
soube compreender todo o alto alcance  
nacional e patriótico—que o tem—do ap-  
parelho que lhe foi apreendido e lhe origi-  
na a privação da liberdade.

Não conhecemos pessoalmente o sr.  
Manuel da Silva Pinho, mas a sua carta é  
um documento do tal tal intensidade psico-  
lógica que nenhuma dúvida nos resta de  
que se trata não dum bombista, mas dum  
incompreendido, em último grau.

Eis, em resumo, os objectivos que o sr.  
Pinho vivia com o seu famosíssimo ap-  
parelho.

O sr. Pinho não acredita que a Sociedade  
das Nações constitua na Europa uma «bran-  
ca» súplica de paz seguindo a frase do  
literato neo-católico. Prevê mesmo, para  
muito breve, uma série de guerras tremen-  
das e está muito convencido de que Portu-  
gal se verá directamente envolvido numa  
dessas contendas sangnárias. E como  
sobre ser homem de pensamento e também  
um homem de acção, lembrou-se de assegu-  
rar a intangibilidade das fronteiras pátrias  
por meio dum aparelho. Damos agora, com  
o recibo legítimo de cometermos alguma  
gaffe, a palavra ao sr. Pinho para os leito-  
res fazerem uma ideia, bastante clara e  
bastante exacta, do alcance patriótico e da  
terrível eficácia do seu invento.

«O aparelho, nas guerras, era utilizado  
da seguinte forma: Portugal abria as suas  
trinchéiras em frente do inimigo, mas atrás  
das trinchéiras da frente outras ainda se  
abririam». Feito isto, podiam os patriotas  
dormir descansados. E o inventor explica a  
razão de tanta tranquilidade.

«Ao estalar o combate os portugueses  
evacuavam com vertiginosa rapidez as trin-  
chéiras da frente, deixando ficar nelas um  
grande número de garrações preparados  
como o aparelho que me foi apreendido. Os  
soldados inimigos, que deviam ser razoá-  
veis, piteiros, desolavam os garrações,  
supondo-os cheios de vinho ou de aguar-  
dente. Nesse instante, estavam perdidos:  
tinham desolado a sua própria morte,  
pois em menos dum segundo ficavam re-  
duzidos a pó, terra, cinza e nada».

O primeiro efeito deste aparelho foi o sr.  
Pinho ter ido parar à cadeia, naturalmente  
por não ter lá em casa nenhum dos seus  
garrações, enganadores e terríveis. Não  
seria de todo o ponto justo mandá-lo em  
liberdade e recomendar-lhe que fosse inven-  
tar outro aparelho que desse menos nas  
vistas à polícia e lhe poupasse dissabores?  
Francamente: o *Século* na sua fobia de in-  
ventar bombistas e a polícia na sua manei-  
ra de tomar a nuvem por fumo, tornam-se  
ridículos, mais do que já são irritantes e  
odiosos.

## A política nos Balcan

### O conflito italo-ugoslavo

ROMA, 14.—Uma nota oficial desmente  
que tenham sido já iniciadas quaisquer ne-  
gociações com a Jugoslávia, e aponta ne-  
nhum contrato haver sido até agora esta-  
belecido entre o ministro plenipotenciário  
daquele país e Mussolini.

A nota esclarece ainda que as futuras  
negociações não terão respeito ao tratado  
de Tirana, mas unicamente ao conflito  
italo-ugoslavo.

«Os jornais publicam um documento se-  
gundo o qual o ex-ministro Ninich se ofe-  
receu ao governo albanês para organizar  
um movimento cuja finalidade seria colocar  
Abdurevno no trono da Jugoslávia».—(L)

## SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Excursionista Recreio Fam-  
liar.—Neste Grupo, com sede na Rua do  
Alviela, 19, realizam-se sábado e domingo  
duas festas dedicadas ao seu prestimoso  
conscio João de Oliveira Tavares. O saraú  
de amanhã é abrandado por um quarteto  
de artistas, sob a regência do Sr. Freitas  
Garcia, e de domingo pela Troupe de Ba-  
lístas «Flôr de Lis».

## SOBRE UMA PRISÃO

## Conta-se a odisseia

de três indivíduos que foram  
sujeitos a um regime excepcional

A prisão de um cidadão pacífico, nestes  
tempos agitados que vão correndo, merece  
pouco mais do que a lacónica notícia. Ser  
preso é um episódio da vida contemporânea.  
Duas linhas noticiam o facto, embora o de-  
tido seja pessoa de alta envergadura inte-  
lectual.

Mas há prisões, pelos rigores de que são  
revestidas, que merecem mais de que a ba-  
nalidade noticiosa. Há prisões que pelo seu  
indistinto obrigam-nos a «sair da mecânica  
informativa», visto serem determinadas por  
factores esporádicos, na maioria das vezes,  
arbitrários e inconsequentes.

A prisão efectuada há dias de um nosso  
camarada de redacção e de duas pessoas  
que com ele se encontravam, pela origina-  
lidade que encerra, originalidade bem perigosa  
para a segurança de um cidadão pacato,  
oferece um aspecto interessante para  
duas linhas de reportagem.

Em duas palavras se conta o caso: as três  
referidas pessoas encontravam-se, uma noite  
destas, à porta dum café, conversando serene-  
mente sobre penhoristas. Minutos depois  
dizem guardar a polícia de segurança públi-  
ca, a paisana, davam-lhes voz de prisão, sem  
lhes explicarem o motivo.

Conduzidos sob rigorosa incomunicabi-  
lidade à esquadra do Campo Grande ali os  
conservaram cinquenta e oito horas num  
calabouço húmido e sem o lume habaio.

A família dos presos, aliás, percorreu os  
hospitais, a Morgue, as esquadras, o Govern-  
o Civil em sua procura. Em toda a parte  
a resposta era unicamente:

—Não estão cá...

Calcule-se a aflição da pobre gente depois  
de dar a volta a essa trágica via-sacra e de  
obter a fria resposta:

—Não estão cá...

A família de um dos presos chegou a  
participar à polícia, à mesma polícia que o  
mantinha sequestrado, o desaparecimento  
do seu parente, o que a levou a publicar na  
ordem de serviço da Polícia de Seguran-  
ça Pública uma determinação para que  
fosse procurado o referido indivíduo,  
«porque desaparecera da casa da sua resi-  
dência»...

Só por uma estranha coincidência, e de-  
pois de o processo ter transitado para a po-  
lícia de informações do Ministério do  
Interior, é que se apurou que o «desapa-  
recido» se encontrava na esquadra do Cam-  
po Grande.

Compreende-se que um indivíduo seja  
preso por esses esbórrios, cuja única ambi-  
ção é um pósto mais elevado, mas que se  
sequestre um preso ao ponto de fazer ac-  
reditar à família que ele morreu ou se eva-  
diu, é mais de que incompreensível: é re-  
volvente.

Em todos os tempos se respeitou o sa-  
grado direito às famílias de conhecerem a  
existência dos seus, embora se ocultasse o  
local onde eles se encontravam!

Agora usar-se de um processo deste, he-  
mos de envolver que não é humano, além das  
condições revoltantes a que sujeitaram os  
presos, cuja inculcabilidade se reconheceu  
horas depois, e da forma indelicada como o  
chefe da esquadra do Teatro Nacional  
tratou os detidos.

## A campanha contra a guerra

LONDRES, 14.—A liga formada pelos  
parlamentares trabalhistas contra o imperi-  
alismo resolveu exigir do governo a reti-  
rada de todas as forças hindu que se en-  
contram na China.—(L)

## MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Associação de Socorros Mútuos  
António Maria Cardoso.—Reuniu-se a  
assembleia geral em 30 de Março aprovan-  
do o relatório de contas do ano de 1926  
que apresenta um saldo para a futura  
gerência de 5.766\$74.

## Sobre prostituição

O problema da prostituição é talvez o  
mais importante que se agita à flor da com-  
plexa questão social.

## Para Africa e Timor

seguiram 222 presos, entre os quais 63  
acusados de sindicalistas

Com destino a Loanda e Timor embar-  
cam no «Pêro de Alenquer» 222 presos,  
sendo 63 indivíduos acusados de sindica-  
listas, 98 indivíduos acusados de gatuos e  
desordeiros e 59 indivíduos sob a acusação  
de vadios.

Na primeira cidade ficarão os gatuos,  
desordeiros e vadios e em Timor ficarão  
os 63 sindicalistas, que são os seguintes:

Sebastião da Graça, Celso Pinho Fran-  
co dos Santos, Carlos Frederico Bacelar  
e Sousa, José Felipe, José Pedro Franco,  
José Augusto Amaro Júnior, José da Silva,  
Vanzelino dos Santos Costa, Joaquim Nunes  
Carrapico, Luís José de Abreu, António  
Luís Júnior, José Gordinho, Manuel  
Viegas Carrascão, Manuel Pereira, Paulo  
Soares, Hilário Gonçalves, Francisco da  
Silva Gomes, Jaurés Américo Viegas, Luís  
Félix, Israel Dias Macedo, Raul da Silva  
Monteiro, João dos Santos, Manuel Tava-  
res da Silva, José Abrantes Castanheira,  
Manuel Simões Miranda, Joaquim Clemente,  
José Maria da Cruz, António Pereira,  
Severiano Faria Coelho, José de Almeida  
Figueiredo, Francisco Ramos da Graça,  
Raul dos Santos, Rodrigo Rodrigues, Jo-  
aquim da Silva, Augusto Pina da Cunha,  
Jacinto Estrela, António Gonçalves, Júlio  
de Assunção, José Gomes Pereira, Raul  
Honório, Alvaro Damas, Alfredo dos San-  
tos, Raul da Purificação, Mário Fontinha,  
Adolfo Joaquim de Sousa, José de Melo  
Aguiar, Pedro Pereira da Costa, Tomé Sá  
de Sotto Mayor, José Maria Major e Ma-  
nuel dos Santos Quintas.

Também seguiram os operários recente-  
mente chegados do Funchal e que se en-  
contravam em Monsanto: João Abílio Fer-  
reira, Joaquim do Espírito Santo, António  
Francisco Serra, Francisco Pretas, José  
Fernandes Lopes, João de Sousa, Francisco  
Fernandes Camacho, António Teixeira, An-  
tónio Francisco dos Santos, Eurico Lino e  
Gonçalves Marques de Oliveira.

O itinerário da viagem é o seguinte:  
Guiné, Loanda, Cabo da Boa Esperança,  
Moçambique, Macau e Timor.

## ECOS DA REVOLUÇÃO

Depois do movimento revolucionário do  
Pôrto a polícia de defesa social daquela  
cidade, como que a justificar a sua exis-  
tência, procedeu à captura de alguns op-  
erários, absolutamente estranhos ao referi-  
do movimento, que pertenciam a algumas  
organizações liberais.

Nessa ordem de ideias foram capturados  
e enviados para a Penitenciária de Lisboa:  
António José de Almeida e José Rodrigues  
Reboredo, pelo facto de serem administra-  
dores de *A Comunidade*, jornal que suspendeu  
a sua publicação um mês antes do movi-  
mento; Serafim Lopes, de Penafiel, cujo  
único delito é o de assinar a correspondên-  
cia da sua associação de classe; Manuel  
Martins dos Santos, Domingos Fernandes  
e Manuel da Cunha Estrela, por pertence-  
rem a um grupo dramático; Joaquim Pi-  
nheiro Vilas e Joaquim Moreira, por per-  
tencerem ao Partido Comunista; Joaquim  
José Barros Júnior, acusado de tomar parte  
no movimento; António Almeida Santos,  
acusado por um padre de ateú; Manuel da  
Mota Machado, pelo mesmo horrível crime.  
Eis, sinteticamente, os motivos encontra-  
dos pela Polícia de Defesa Social do Pôrto,  
para conservar presos 11 indivíduos que,  
além de injustamente estarem a sofrer a  
pena dum crime que não existe, a sua si-  
tuação contribui para a miséria dos seus la-  
res e para o sofrimento das suas famílias.

## Mais presos de Coimbra para Lisboa

COIMBRA, 14.—(Pelo telegrafo).—Como  
noticiámos há dias, foram presos nesta ci-  
dade o guarda-livros António Barreto Pe-  
droso, Neves e João Fernandes, proprietá-  
rio dum café existente na rua dos Padeiros,  
nesta cidade. O primeiro foi preso por ser  
irmão do nosso camarada Roberto das Ne-  
ves, há dias preso e remetido para Lisboa  
por haver feito, há tempos, na imprensa,  
referências aos actos do sr. comissário da  
polícia desta cidade. O segundo é acusado  
de ter recebido uma carta de Roberto das  
Neves.

Um e outro são comparsas forçados da  
mesma peça.—*A procura dum corresponden-  
te*—representada nesta cidade com  
pouco êxito.

António das Neves foi já pósto em li-  
berdade, continuando detido João Fernan-  
des. A última hora foram delibados novame-  
nte e enviados para Lisboa, para serem  
entregues à Polícia de Informações, os se-  
guintes operários: João Veiga, Lúcio Maria  
da Conceição, Amadeu das Neves e An-  
tónio Baptista Duarte.

## Uma prisão em Benavila

Benavila é uma pequena vila do Alto  
Alentejo que, no último movimento revolucio-  
nário, esteve muito e quando como um  
penedo. Não obstante isso, conforme já re-  
ferimos, pelas autoridades foi ordenado o  
encerramento da associação dos rurais dali  
e agora chegou ao nosso conhecimento  
que foi preso o nosso camarada Joaquim  
Dias Povoas, activo elemento da orga-  
nização sindical, que há muito tempo era  
perseguido pela burguesia local.

A acusação que impende sobre ele é a  
de se ter refugiado em sua casa um per-  
seguido político.

A-pesar de ser fantasiosa a acusação aque-  
le operário continua preso e privado da  
liberdade.

## TEATRO NACIONAL

### AMANHÃ

A representação do emocionante drama

## A MORTE CIVIL

Assombroso trabalho

— DE —  
Alves da Cunha

## NA BEIRA ALTA

## UM FEROZ PERSEGUIDOR DE FERROVIÁRIOS

O sr. Pais Abranches tem sido um feroz  
perseguidor dos ferroviários da Beira Alta.  
Ultimamente, como aqui relatámos, a pre-  
texto de os ferroviários terem sido, sob  
coacção militar, obrigados a cumprir or-  
dems da força que ocupou a estação da Fi-  
gueira da Foz cometeu os maiores atropé-  
los: Transferiu ferroviários, baixou outros  
de posto e demitiu alguns, tendo a certeza  
absoluta da inculcabilidade de todos eles.  
Com estes castigos e demissões desorgan-  
izou os serviços, com grande prejuizo do  
público que está pagando bem caro os seus  
caprichos.

O encerramento do sindicato dos ferro-  
viários da Beira Alta deve-se a uma ma-  
nobra sua.

O sr. Pais Abranches já revelou como  
director dos Caminhos de Ferro da Beira  
Alta a sua incompetência e está agora, além  
disso, revelando um feitiço ferozmente per-  
seguidor e despótico. Não se compreende  
que criaturas tão incompetentes e nocivas  
estejam abusando da força que possuem  
para humilhar e roubar o pão a quem tra-  
balha. Sem o sr. Pais Abranches os Cami-  
nhos de Ferro da Beira Alta só prospera-  
vam. Agora, sem ferroviários é que eles  
não funcionarão.

Pois, a-pesar-disso, os ferroviários são  
constantemente atingidos por demissões e  
castigos e o sr. Pais Abranches continua  
praticando impunemente toda a espécie de  
tropelias e violências.

## O operário e o álcool

A burguesia, na ânsia de tudo baralhar  
como é seu costume; imputando os defeitos  
da sua sociedade a quem lhe sofram os  
efeitos, costumou-se a classificar o operário  
de bêbado, dizendo que este podia viver de-  
sagado, com o mísero salário que lhe dá  
em troca de um trabalho extenuante, se o  
não fosse entregar à taberna.

O burguês, em geral adiposo, porco de  
engorda, sabe muito bem que quando faz  
tal asserção mente descaradamente, com  
aquele cinismo que é peculiar a todos os  
componentes da sua classe, que vive apenas  
do seu passado e que a vida viva nos pre-  
tende manter na ignorância.

Porque é que o burguês, sendo quem  
manda fabricar o álcool, não provoca a sua  
extinção? Muito simplesmente, porque é  
esse terrível veneno um dos formidáveis pi-  
lares em que assenta a sua «moderna» orga-  
nização.

Se o operariado, numa grande parte, não  
ingerisse álcool, fazendo, de o beber, mál-  
cias figuras, não tinha o burguês tanta con-  
fiança no poderio que disfrutava; mas se o  
operariado trocasse a taberna pela escola,  
ou adquiriria a luz do espírito, imediata-  
mente ruiriam os alicerces do grande edifício  
burguês; e como para o solidificar seja  
preciso o embrutecimento do povo; as san-  
guessugas burguesas abrem tabernas, nos  
lugares onde deveriam funcionar casas de  
educação; e daí provém em parte, o domí-  
nio e imposição do parasita sobre o produ-  
tor.

O operário quanto mais se alcooliza, mais  
forças perde: fabrica descendentes inocula-  
dos com o vírus de doenças terribes como  
a requeira, o enfraquecimento geral e mil e  
uma doenças que a ciência com o seu po-  
der investigador nos tem apontado como  
geradoras do debilitamento da raça huma-  
na, e muito principalmente das massas op-  
erárias.

A-pesar de no nosso país se ter feito algo  
de útil pró anti-alcoolismo, nunca me pa-  
rece de mais tudo quanto se faça para com-  
bater esse defensor do capitalismo e inimi-  
go terrível dos que lutam por mais um bo-  
cado de pão—o álcool.

E essa a razão porque também dedico  
estas mal alinhavadas palavras aos meus  
camaradas de trabalho, exortando-os a aban-  
donarem a taberna porque, seja em que  
circunstâncias for, ela nunca poderá digni-  
ficar quem a frequenta.

A melhor resposta que o operário pode  
dar ao burguês quando este lhe põe em  
cara que ele gasta na taberna o produto do  
seu trabalho é abandoná-la de vez; porque  
fará o que não convém ao burguês. Este,  
ao mostrar-se inimigo da taberna, torna-  
do-se moralista, pronuncia o contrário do  
que deseja; pelo que demonstra a refinada  
hipocrisia que encerra na sua consciência.

Infelizmente, por mais que se demonstre  
ao operário, que frequentando a taberna,  
dá mais exemplos aos seus descendentes,  
dando azo a que lhe sigam as mesmas pi-  
das e no mesmo tremezi de deboço, não  
escuta, não acredita e continua no mesmo  
descalabro!

Uma grande parte do operariado julga  
que só veiu ao mundo para unicamente ser-  
vir de bosta de carga ou pior.

A besta, em geral, tem por lá mais aten-  
ção; porque, embora não trabalhe, não lhe  
faltará nunca com a alimentação, para me-  
lhor resistir ao trabalho que a pode esperar.

Alto operário é-lhe negado esse direito. Se  
não trabalha, por motivo de doença, ou  
porque lhe não queiram utilizar os braços,  
já sabe que virá a morrer de fome, como  
sempre um ser inútil à sociedade.

Com franqueza, grande parte do povo  
trabalhador, não quer compreender que é  
o eterno explorado; se o quisesse, já de há  
muito havia tirado as suas conclusões dos  
vexames de que é vítima, e dito de si para  
si—«se o indivíduo nasceu para trabalhar,  
comer quando o tem, refazer, por meio do  
sono, as forças pendidas (se algum es-  
birro o não vem acordar altas horas da  
noite, para o atirar ao fundo de um cala-  
bouço como remuneração do seu esforço  
quotidiano) e ter por único divertimento a  
taberna, é melhor morrer».

Devenos ter em conta o adágio popular:  
«preso por ter cão, preso por não ter».

A meu ver, é melhor preso por ter.

Assim, iremos nós morrer vexados, des-  
moralizados e miseráveis.

É melhor morrerem num dia próxi-  
mo, levantarmos-nos juntamente com o Sol,  
e quando o burguês acordar, encontrar a  
Terra iluminada com aquela luz scintilante  
que lhe escaldará o ullar...

LUZ

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Alondra» são hoje expedi-  
das malas postais para Las Palmas, Ma-  
deira e por via Funchal para Africa Aus-  
tral, Cabo da Boa Esperança, Elisabeth  
(vila) e Africa Oriental, saindo da Estação  
Central dos Correios a última hora da  
correspondência ordinária à 1 hora da  
tarde, recebendo-se para registar até às  
10,30.

## TEATROS

### FESTAS ARTÍSTICAS

Continuam a marcar-se bilhetes, no teatro  
Apolo, para a festa artística da actriz Mar-  
gareta Ferreira, a popular *Cesária* da  
«Mouraria». As recitas em sua homenagem  
são em duas sessões e efectuem-se na noite  
de 21 do corrente.

### Edon-Teatro

#### «O Rei dos Judeus»

A peça sacra em 2 actos e 16 quadros,  
com versos de Silva Tavares e Carvalho  
Moura, intitulada «O Rei dos Judeus» con-  
tinua conquistando o unânime agrado do  
público. As duas sessões do Edon, com a  
emocionante peça, que hoje se repete, e nas  
noites seguintes, têm estado concorridí-  
simas. E para que no espectáculo do Edon  
tudo mereça elogios, não deve esquecer-se  
o desempenho. Holbeche Bastos é correc-  
tíssimo na parte de «Jesus»; Elisa Carreira,  
que faz evidentes progressos, apresentou-se  
muito galante na parte de «Samaritana» e  
Madalena; Valério de Rajanto, artista de  
recursos, deu toda a alvies a personagem de  
«Pilatos»; Palmira Torres disse com  
sentimento, a parte de «Virgem Maria», e  
Armanda Martins imprimiu ao prólogo e à  
personagem de «Verónica» todo o relevo  
que requeriam. António Gomes, no «Judas»,  
obtem a antipathia do público, em vista  
do antipático papel que lhe coube. Neste  
facto está o melhor elogio ao seu trabalho.  
Na «Mãe de Judas» no «Anaz, no Calafaz  
e num cego», há ainda a mencionar Emilia  
Berardy, Mário Campos, Miguel Onofre e  
Casimiro Tristão, que, com os seus res-  
tantes colegas, colaboram para que seja ex-  
celente o conjunto de interpretação do «Rei  
dos Judeus». Os espectadores do Edon, são  
por preços reduzidíssimos, havendo camar-  
tes e frisas desde 27\$50, «autentis» desde  
7\$00 e geral e galerias a 2\$50.

### Apolo

#### «Um filho de III classe...»

Na próxima semana, a Companhia Al-  
meida Cruz, já de regresso ao Apolo, dará  
ali, em «première» e em duas sessões, a  
adaptação da peça francesa *C'est un enfant  
de l'amour*, traduzida sob o título «Um filho  
de III classe...», por Pedro Bandeira e  
Alvaro Afra. O principal papel masculino  
da peça foi confiado ao actor Augusto  
Costa, Costinha.

### Coliseu dos Recreios

#### Companhia de ópera italiana

O Coliseu dos Recreios inaugurará a sua  
temporada lírica no próximo dia 23 com  
uma grande companhia de ópera italiana  
de que fazem parte grandes celebridades  
artísticas, no número das quais está incluída  
a grande cantora Mercedes Capris, a maior  
soprano ligeiro da actualidade, a «diva da  
voz de ouro» como ela é conhecida no  
mundo artístico.

Com uma maleável e bem timbrada voz,  
a notabilíssima artista impõe-se pela sua  
bela escola de canto, pela admirável inter-  
pretação que dá a todos os seus papeis, o  
que lhe tem valido nos principais teatros  
líricos do mundo os mais justos e entusias-  
ticos aplausos.

### Apolo

#### «Entre os lobos»

E' amanhã que faz a sua reaparição no  
teatro Apolo a célebre peça de aventuras  
«Entre os Lobos», cuja acção se passa no  
meio dos gelos do Polo Norte, nos últimos  
confins habitados pelo homem.

«Entre os Lobos» é uma peça das que  
há muitos anos se não vêem em palcos portu-  
gueses, cheia de novidade e de imprevisto  
com lances teatrais em que as mais violentas  
paixões se desencadeiam tumultuosamente,  
resolvendo-se as situações ferina e sangrentamente.

A famosa peça tem ainda a valorizá-la o  
desempenho de Palmira Bastos, Fernanda  
Varela, Henrique de Albuquerque, Cle-  
mente Pinto e, enfim, o de todos os ou-  
tros artistas que compõem a magnífica com-  
panhia.

O maior e mais sensacional aconteci-  
mento artístico da actualidade é a estreia  
que amanhã se realiza, no Coliseu dos Re-  
creios, da célebre e popular opereta «Mou-  
raria», que naquela casa de espectáculos vai  
ter grande importância e movimento, com  
grandes marcas de figuracões, com novos  
números de fados cantados pelos mais afi-  
nados cantadores e com efeitos de enscene-  
ração que lhe dão maior brilho e grandio-  
sidade.

A «Mouraria», que reproduz cenas de  
um dos bairros mais característicos da capi-  
tal, é uma peça bem portuguesa em que são  
os tradicionais bailes e descantes, as vis-  
tas marchas «aux-flambeaux», transforma-  
do-se assim a scena num verdadeiro e au-  
têntico arrabal popular.

A esla série de espectáculos que a «Mou-  
raria» vai dar no Coliseu dos Recreios não  
faltará, pois, ninguém de bom gosto, tanto  
mais que os seus preços são populares e,  
portanto, ao alcance de todas as camadas  
sociais.

Não nos resta já dúvida de que a «Mou-  
raria» vai ter no Coliseu uma nova época  
de sucesso.

No Foz, não se representa hoje a re-  
vista «Secretário dos Amantes», exibindo-se  
desde às 14,30 às 24 horas, programa cine-  
matográfico, composto pelo «film» em 8  
partes «Christus» (vida, paixão e morte de  
Jesus), pela «Peregrinação Portuguesa a  
Lourdes» (6 partes), pelos «Dois meninos  
Jesus» e pelo «Beijo de Judas».

A «Foz-Melody Band» dará um interes-  
santíssimo concerto de música sacra.

Amãhã reaparece «O Secretário dos  
Amantes», nas duas sessões, às 20,30 e às



**MARCO POSTAL**  
Ciborro. — Associação dos Rurais. —  
Recebemos officio e 20\$00. Vamos escrever  
em resposta.

**FABRICA**  
Cindrões, mosaicos, azulejos, cimento  
**GOARMON & C.ª**  
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19  
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

**Policlínica da Rua do Ouro**  
Entrada: RUA DO CARMO, 93  
TELEFONE N.º 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando  
Narciso—A's 5 horas.  
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.  
Blas, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.  
Pele e tiflides—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 5 h.  
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.  
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 h.  
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—  
12 horas.  
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 h.  
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Palma—2 h.  
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 h.  
Tratamento de diabete—Dr. Ernesto Rome—3 h.  
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.  
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—1 hora.  
Rolo X—Dr. Alen Saldanha—1 hora.  
Análises—D. Gabriela Beato—4 horas.

**História Universal  
del Proletariado**  
«Veinte siglos de opresion capitalista»  
Esta publicação em língua espanhola, que se  
encontra a venda na nossa administração, é de  
extenso historico, documentadissima e detalhada  
das lutas originadas pela desigualdade social  
que, sob formas diversas e variados sistemas,  
perduram desde os primeiros alvares da civiliza-  
ção.  
Cada fasciculo de 48 páginas, 162, pelo car-  
to, registado, 167.  
Estão publicados os seguintes fasciculos:  
1.ª—La era de la esclavitud;  
2.ª—La rebelión de Espartaco;  
3.ª—Abolición de la esclavitud;  
4.ª—Apogeo y Servilismo;  
5.ª—La revolución de los siervos;  
6.ª—La miseria de los agricultores;  
7.ª—Transformación del Poder Feudal;  
8.ª—El comunismo cristiano;  
9.ª—Los miserables en la Edad Media;  
10.ª—La libertad humana;  
11.ª—La agonia del absolutismo;  
12.ª—El trabajo motor universal;  
13.ª—El imperio de la guilhotina;  
14.ª—Las lutas sociales y la revolución fran-  
cesa;  
15.ª—Los primeros tiempos del salario;  
16.ª—Hospitales, cárceles y asilos;  
17.ª—Las crueldades de la burguesia republi-  
cana;  
18.ª—Los heroes de la Comuna;  
19.ª—Horribles matanzas de Comunistas;  
20.ª—La República Española y la clase  
obrera;  
21.ª—La Primera Internacional;  
22.ª—El socialismo ante el Parlamento espa-  
ñol;  
23.ª—El futuro obrerista profetizado por Cas-  
telar.  
24.ª—Pi y Morgall confiante a los enemigos  
del socialismo.  
25.ª—Los precusores del Proletariado mo-  
derno.  
26.ª—Crueldades burguesas.  
27.ª—Los mirtres de Chicago.  
28.ª—Muerte heroica de cinco proletarios.

**CONSELHO TECNICO  
DA  
CONSTRUÇÃO CIVIL**  
Encarrega-se da execução de  
todos os trabalhos que digam res-  
peito a sua industria tais como:  
edificações, reparações, limpez-  
as, construção de fornos em to-  
dos os generos, fazigos em todos  
os generos, fogões de sala, xa-  
drões, frentes para estabelecimen-  
tos e todos os trabalhos em can-  
tarias e marmores de todas as pro-  
veniências.  
Telefone — 539 Trindade  
Escritório:  
Calçada do Combra, 38-A. 2.º



Os sabonetes desta fabrica são  
os melhores e mais baratos

**Peçam-nos em toda a parte**

**Companhia dos Caminhos de Ferro  
Portugueses**

**LEILÃO**

Em 25 do corrente e dias seguintes, ás  
11 horas na estação desta Companhia em  
Lisboa, Casa dos Soldados, e em virtude do  
Aviso ao Público A. n.º 1 de Fevereiro de  
1920, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do  
Artigo 9.º da Tarifa de despesas accessórias,  
proceder-se-há a venda em hasta pública  
de todas as remessas incursas nos respec-  
tivos prazos bem como de outros volumes  
não reclamados.  
Avisa-se, portanto, os respectivos con-  
signatários, de que poderão ainda retirar-lhes,  
pagando o seu debito à Companhia, para o  
que terão de dirigir-se à Reparação de  
Reclamações e Investigações na estação do  
Cais dos Soldados, todos os dias úteis até  
23 do referido mês, das 10 ás 17 horas.  
O leilão realiza-se no Armazem situado  
ao fim do molhe n.º 5 da referida estação  
de Lisboa, com serventia pela porta exis-  
tente na rampa da Calçada de Santa Apol-  
ónia, de frente do gradimento.  
Lisboa, 8 de Abril de 1927.—Pelo Direc-  
tor Geral da Companhia, o Engenheiro Sub-  
-Director, Lima Henriques.

**AVISO AO PÚBLICO**

(14.º Aditamento ao Aviso ao Público A. n.º 102)

**Camionagem entre a estação de Es-  
tarreja, Pardelhas e várias outras  
povoações das freguesias de Ve-  
iros e Murtosa**  
Previne-se o público de que, a partir de  
10 de Abril de 1927, é suspensa provisoriamente  
o serviço de camionagem entre a es-  
tação de Estarreja e as povoações de Ve-  
iros, Santa Luzia, Monte, Igreja da Murtosa  
e Pardelhas, combinadas com a Empresa de  
Transportes da Murtosa, Ltd.,  
Por este motivo cessa, a partir da mesma  
data e até novo aviso, a venda de bilhetes  
diretos de e para as referidas povoações,  
cessando também temporariamente o des-  
pacho de bagagens, recovas e mercadorias  
de e para o Despacho Central de Par-  
delhas.  
Lisboa, 6 de Abril de 1927.—O Director  
Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

**ISQUEIROS**  
Tubos, rodas, chaminés, fundos,  
molhas e pedras, a preços resumidos.  
Pedidos a:  
**FRANCISCO LATTA**  
LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

**Um livro interessante**  
Acaba de ser posto à venda  
uma bela obra de  
**RICARDO MELLA**  
**IDEARIO**  
que consta dum volume  
de 336 páginas dividido  
nos seguintes capitulos:  
Doctrina — Critica Social — Educação  
Libertaria — Tática — Evolução e  
Revolução — Violência — Libertad  
Autoridade — Ensayos Filosóficos — Moral  
Temas sociológicos — Pedagogia —  
Vida Española — Homens Representa-  
tivos — Trabajos Polémicos — Lec-  
turas — Fragmento Inedito.  
Preço 18\$00 — Pelo correio 19\$50  
Pedidos a Administração J.  
«A BATALHA»

**AGENCIA INTERNACIONAL DE VIAGENS**  
**HENRIQUE BRAVO**  
O agente official mais antigo de Portugal  
**PASSAPORTES** — **SERVIÇOS INTERNACIONAIS DE PASSAGENS E PASSAPORTES**  
Rua Nova do Carvalho, 38, s/l. D. — Lisboa  
**TELE** (FONE CENTRAL 2522)  
GRAMAS: BRAVINHAGEM — LISBOA  
Foi esta agência quem se encarregou do passaporte de MISS PORTUGAL, para  
seguir para a América do Norte, a tomar parte no Concurso Internacional de Beleza.

**NORTE 5521 e 5528**  
São os telefones dos 60 taxis  
**CITROËN**  
(Palhinha amarela)  
DA  
**Cooperativa Lisbonense  
de Chauffeurs**  
que devido aos seus postos e garages  
espalhados pela cidade servem os seus  
clientes com grande economia  
de tempo e de dinheiro  
GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede)  
e Avenida Almirante Barroso, 21  
SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

**SECCAO DE LIVRARIA DE «A BATALHA»**  
**PUBLICAÇÕES  
SOCIOLOGICAS**  
— Organização Social Sindicalista 3\$00  
Antonelli, — A Rússia bolchevista 2\$00  
Cura Merlier, — A razão dum padre 5\$00  
Dufour, — O sindicalismo e a proxi-  
ma revolução (2 volumes) 8\$00  
Emilio Bossi, — Cristo nunca existiu 6\$00  
Geo Williams, — Relatório dos dele-  
gados dos I. W. W. ao congresso  
da I. S. V. de Moscou 1\$00  
Gustavo le Bon 1\$00  
As primeiras consequências da  
guerra 8\$00  
Ensinamentos psicológicos da  
guerra europeia 8\$00  
Leis psicologicas da evolução dos  
Povos (enc.) 6\$00  
Guyau, — Ensaio duma moral sem  
obrigação nem sanção 5\$00  
Educação e Hereditariedade 4\$00  
Hamon 5\$00  
A conferência da paz e a sua obra  
As lições da guerra mundial 8\$00  
O movimento operário da Gran-  
Bretanha 5\$00  
Psicologia do socialista-anarquista  
A crise do Socialismo 5\$00  
A psicologia do militar profes-  
sional 5\$00  
Henrique Leorne, — O Sindicalismo 4\$00  
Heliodoro Salgado 10\$00  
O culto da Imaculada 10\$00  
Jean Grave 5\$00  
A sociedade futura 4\$00  
O individuo e a sociedade 4\$00  
Joseph I. Ettor, — Unionismo indus-  
trial 5\$0  
Julio Ebert, — A lei dos salarios 5\$0  
Justus Ebert, — Os I. W. W. na teo-  
ria e na pratica 3\$00  
Kropotkin 1\$50  
Anarquia, sua filosofia e seu ideal 10\$00  
A Grande Revolução (2 vol.) 5\$0  
A moral anarquista 5\$0  
Os bastidores da Guerra 3\$0  
O Estado e o seu papel historico 1\$50  
Lazare, — A Liberdade 5\$0  
M. Lénine, — Os problemas do poder  
dos Soviets 1\$50  
O Estado e a Revolução 4\$00  
Landauer, — A Social Democracia na  
Alemanha 5\$0  
Manuel Ribeiro, — Na linha de fogo 3\$00  
Marx, — O Capital 5\$00  
Melchior Inchofer, — Monarquia jesui-  
tica 3\$00  
Nietzsche 4\$00  
Anti-Cristo 4\$00  
Genealogia da moral 4\$00  
Meno Vasco, — Ao Trabalhador Rural  
— Georgicas 3\$5  
Tomás da Fonseca, — Sermões da

Montanha 21\$0  
Concepção Anarquista do Sindica-  
lismo 3\$00  
A greve dos inquilinos 1\$00  
Noviçco, — A emancipação da mulher 4\$00  
Pataut e Pouget, — Como faremos a  
revolução 4\$00  
Perfeito de Carvalho, — Notas e co-  
mentários 1\$50  
Sebastião Faure, — Doze provas da  
inexistência de Deus 1\$50

**A' venda na administração  
de «A Batalha»**  
Cartilha do homem do povo 5\$0  
Programa agrícola do Partido Ope-  
rário Francês, por Paulo Lofor-  
gue 5\$0  
Deus, o Diabo e o Homem, por Lou-  
renço da Silva 1\$50  
Cartas politicas, por João Chagas,  
diversos numeros, cada exemplar 1\$00  
A Humanidade, por Taraf Javey 1\$50  
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon  
e I. Budin 2\$00  
Monarquia Jesuitica, por Melchior  
Zuchner 2\$00  
Os galos, por Rialto de Almeida, os  
três primeiros numeros da 2.ª serie 2\$50  
O Mitismo, pelo prof. Almeida  
Paiva 2\$50  
Os Crimes da Sacristia, por Alexan-  
dre Barbas 3\$00  
A Religião da Humanidade, por José  
Augusto Correia 3\$50  
A Filologia perante a História, por  
Nobre França 5\$00  
Os direitos do Estado, por A. Levisse 2\$50  
Teófilo Braga, traços biográficos por  
Francisco Simões Botelho 3\$00  
O que é o socialismo, por E. Soisson 1\$50  
O corpo humano, por A. Levisse 2\$50  
Gravidez e parto, pelo Dr. Desvur-  
meaux 1\$50  
Os primeiros socorros a doentes,  
por A. C. Barroso da Silveira 2\$00  
Determinação do valor físico do  
adulto, por A. C. Barroso da Sil-  
veira 1\$50  
O concílio de Trento e a Civilização  
Moderna, por Alexandre Barbas 3\$50

**Edições SPARTACUS**  
A Teoria Libertária ou o Anarquismo,  
por Campos Lima, 3\$00  
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por  
Mário Domingues, 6\$00  
No Sertão d'Africa (contos tradicionais  
indigenas), por Manuel Kopke, 6\$00  
A' venda nas livrarias e na administração  
de «A Batalha»  
Depósito: «Livraria Renascença»,  
rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

**Livraria de A BATALHA**  
**OBRAS DE LITERATURA, CIÊN-  
CIA E ENSINO**

Abel Botelho — Amanhã 16\$00  
Alexandre Herculano 18\$00  
Lendas e Narrativas (2 volumes) 18\$00  
Cartas (2 volumes) 18\$00  
História da origem e estabeleci-  
mento da Inquisição em Portu-  
gal (3 vols.) 27\$00  
Adolfo Lima 10\$00  
Contracto do Trabalho 10\$00  
Educação e ensino 5\$00  
O ensino da história 1\$50  
Aquilino Ribeiro 3\$00  
Anatole France 3\$00  
Estrada de São Tiago 10\$00  
Jardim das Tormentas 10\$00  
Vila Sincosa 10\$00  
As Filhas da Babilônia 10\$00  
Terras de Demo 10\$00  
Augusto Machado — Impossível re-  
denção (novela) 10\$00  
Augusto de Sousa — Fúrias perdidas  
(Fados) 10\$00  
Bento Faria — Missa nova (teatrom  
verso) 2\$00  
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus 4\$00  
Buckner — O homem segundo a  
ciência 12\$00  
Charles Darwin — Origem das espe-  
cies 14\$00  
Campos Lima 12\$00  
O Estado e a evolução do Direito  
O Amor e a Vida 5\$00  
Cela dos Pobres 2\$00  
A Revolução em Portugal 6\$00  
Cristiano Lima — A escola de Non Al-  
vares (novela) 2\$5  
Duarte Lopes — Frei Sanguê 5\$00  
Eça de Queiroz 18\$00  
O crime do Padre Amaro 18\$00  
O primo Basilio 18\$00  
O Mandarim 8\$00  
Os Maias (2 vol.) 28\$00  
A Relquia 18\$00  
A Cidade e as Serras 12\$00  
Fradique Mendes 9\$00  
Casas Raras 15\$00  
Frasco Bárbaras 10\$00  
Ecos de Paris 9\$00  
Cartas Familiares 9\$00  
Cartas de Inglaterra 9\$00  
Minas de Salomão 9\$00  
Notas Contemporâneas 15\$00  
Ultimas paginas 15\$00  
Contos 15\$00  
Ernesto Haackel 20\$00  
História da Criação  
Origem do Homem 5\$00  
Os enigmas do Universo 14\$00  
Monismo 4\$00  
Religião e evolução 6\$00  
As maravilhas da vida 14\$00  
Faguet — Iniciação filosófica 5\$00  
Iniciação literária 10\$00  
Faria de Vasconcelos 5\$00  
Problemas escolares 5\$00  
Por terras de além mar 5\$00  
Ferreira de Castro 2\$50  
Sangue Negro 8\$50  
Sedas de Lirismo e de Amor 6\$00  
A Peregrinação do Mundo Novo 8\$00  
F. Castro e E. Frias — A Boca da Es-  
tange 8\$00  
Flamarion 5\$00  
Iniciação astronômica 5\$00  
Contos de luter 5\$00  
Como acabou o mundo? 2\$00  
Os habitantes dos outros mundos 4\$00  
Felix le Danic, — As influências an-  
cestrais 10\$00  
Fialho de Almeida 10\$00  
Lisboa Galante 10\$00  
Estâncias de Arte e Saúde 9\$00  
Figuras de destaque 9\$00  
Atores e Antores 9\$00  
Contos 9\$00  
A Esquina 9\$00  
Aves Migradoras 9\$00  
Barbear, Pentear 9\$00  
Cidade do Vicio 9\$00  
Pasquinadas 10\$00  
Paiz das Urvos 9\$00  
Saibam quantos 9\$00  
Vida errante 9\$00  
Vida trônica 9\$00  
Guerra Junqueira — A morte de D. João  
Musa em férias 9\$00  
Os Simples 7\$00  
A velhice do Padre Eterno (En-  
cadernação de luxo) 14\$00  
Brochados 10\$00  
Gorki — Os Degenerados 4\$00  
Os Vagabundos 4\$00  
Na Prisão 2\$50  
Ibsen — Espectros 4\$00  
Casa de bonecas 5\$00  
Jacquinet — História Universal, 2 v.  
Jaime Cortezado — Adão e Eva (tea-  
tro) 5\$00  
José Benedito — A ciência redentora  
(novela) 2\$5  
Jesus Pelxoto — O mestre geral (no-  
vela) 2\$5

Jorge Teixeira, — Catunos de Luva  
Branca — A Escamalha (peças de  
teatro) 2\$50  
Juliano Quintina 8\$00  
Visinhos do Mar 8\$00  
Cavaleiro do Sonho 8\$00  
Terras de Fogo 8\$00  
Dor vitoriosa (novela) 8\$25  
Laisant — Iniciação matemática 5\$00  
Malvert, — Ciência e Religião 10\$00  
Mário Domingues — Hugo, o pintor  
(novela) 2\$5  
Anastácio José (idem) 2\$5  
Manuel Ribeiro 2\$5  
Poder redentor (novela) 4\$00  
Mirbeau — O Jardim dos Suplicios 4\$00  
Nogueira de Brito 15\$00  
I — Memorial de Angela Pinto  
Sangue Fidalgo (novela) 2\$5  
Nô, diz a Lei (novela) 2\$5  
Pargama — Origem da vida 8\$00  
Oliveira Martins 15\$00  
Helenismo e Civilização Cristã 15\$00  
História da Civilização ibérica 15\$00  
História da República Romana (2  
volumes) 30\$00  
História de Portugal (2 vol.) 30\$00  
Raças Humanas (2 vol.) 30\$00  
O Brasil e as Colônias Portuguesas 15\$00  
Cartas Peninsulares 15\$00  
Sistema dos mitos e lçegões religio-  
sas 15\$00  
Orlando Marçal 6\$00  
Águas claras 6\$00  
Imagens de Sonho 1\$00  
Raul Brandão 10\$00  
Os Pescadores 10\$00  
Os Pobres 10\$00  
O Teatro 8\$00  
Spencer — Da Educação (br. 5\$00) enc.  
Sobral de Campos — Dois tiros (no-  
vela) 2\$5  
Tolstol — A sonata de Kreutzer 4\$00  
Ana Karenine (3 vol.) 15\$00  
Toulouse, — Como se deve educar o  
espírito 4\$00  
Wenceslau de Moraes 12\$50  
Dai-Nippon 10\$00  
França e Belgica 10\$00  
O Reno (2 v.) 15\$00  
Os Miseráveis (2 grossos vol.) illus-  
trados, encadernados 40\$00  
Zola 12\$00  
A Taberna 5\$00  
Terça Raquin 5\$00  
Alegria de viver (2 vol.) 8\$00  
A conquista de Plassans, (2 vol.) 8\$00  
Fecundidade 20\$00  
A fortuna dos Rougons, (2 vol.) 8\$00  
Uma página de amor 9\$00  
Dr. Pascal 8\$00

**FOLHETOS**  
Eusebio Reclus — Anarquia e a igreja 1\$00  
A Evolução — legal — a anarquia 3\$0  
Gonçalves Correia — A Felicidade de  
todos os seres na Sociedade  
futura 5\$0  
José Prat, — A burguesia e o prole-  
tariado 5\$0  
A necessidade da Associação 5\$0  
Content, — Contra o confusãoismo 5\$0  
Alfredo Neves Dias, — Razão (poema  
to social) 5\$0  
Ernesto da Silva — Teatro livre 3\$0  
Arte Social 3\$0  
Landauer, — Social Democracia 3\$0  
R. Mela, — O principio do fim 3\$0  
A maçonaria e o proletariado 3\$0  
J. Most, — Peste religiosa 3\$0  
João P. de Rita 3\$0  
Definições sociais 3\$0  
Horas anarquicas (versos) 3\$0  
Trovas da Noite 1\$00  
Roberto, o pescador 1\$00  
Memórias do Parque de São João  
do Forte 1\$00  
Carnet de Pensamento 1\$00  
J. Bakunine, — O sentido em que se  
moa anarquistas 1\$0  
Chueca, — Como não ser anarquista 1\$0  
Lazare, — A Liberdade 1\$0  
B. Etrivant, — A minha defesa 1\$0  
J. Kropotkin 1\$0  
Os bastidores da guerra 1\$0  
Moral anarquista 1\$0  
O espirito revolucionário 1\$0  
O estado e o seu papel historico 1\$0  
J. Guédes, — Lei dos Salarios 1\$0  
Briand, — A greve geral 1\$0  
Roland, — Rússia Nova 1\$0  
O sindicalismo e os intelectuais 1\$0  
D. Carvalho, — A gestão sindical no  
período revolucionário 1\$0  
A. Hamon, — A crise do socialismo 1\$0  
J. Santos, — A transformação da  
sociedade 1\$0  
Neno Vasco 1\$0  
Georgicas 1\$0  
Greve de inquilinos, teatro 1\$00  
Proletariado Histórico 1\$00  
G. Archinof, — A Revolução so-  
cial e o Sindicalismo 1\$0  
Carlos Rates, — Aditadura do pro-  
letariado 1\$00  
Emilio Chapellier — Porque não  
creio em Deus 1\$00  
Rodolfo Rocker, — O sindicalismo  
revolucionário e a organização operária 1\$0

formar por completo a sorte de todos. A lei pode tudo dentro dos limites do possível; ora como, pelo seu número, os proletários são a imensa maioria dos cidadãos têm a certeza de obterem maioria nas eleições donde se deduz que, se souberem bem escolher os seus representantes, todas as leis que estes fizerem serão em favor dos próprios proletários. Compreendem isto, meus amigos? O operário. — Em virtude do nosso direito politico escolhemos quem nos represente fazendo as leis em nosso nome e para nosso bem. Os outros dois operários. — Isso é fácil de compreender. João Lebrenn. — Aqui têm porque é que, enquanto vocês não gozarem dos seus direitos politicos, não de sempre viver em circunstâncias precárias e miseráveis. O operário. — Mas como obteremos direitos politicos? João Lebrenn. — Combatendo os governos que se recusam a reconhecer-lhes os direitos ou que os privaram deles, como fez Napoleão, o corço maldito, como sempre fizeram os Bourbons. O operário. — Quanto a mim, enche-me de coragem saber que combatendo Carlos X e Polignac, trabalhamos para a conquista dos direitos que nos permitam escolher representantes que façam leis em nosso favor. E então... as barricadas! guerra de morte aos defensores do trono e do altar. Os outros dois operários. — A's barricadas. Abaixo os defensores dos Bourbons! João Lebrenn. — Em resumo, meus amigos, digolhes, com toda a sinceridade, que é possível, embora duvidoso, que conquistemos desta vez a República, única que poderia libertar-nos moral e materialmente, dando a todos o exercicio da soberania. Agora, meus amigos, decidam. Os operários com entusiasmo. — A's barricadas! Abaixo Carlos X! Abaixo Polignac! Abaixo os jesuitas! Todos. — Viva a República! A's barricadas! A scena que segue passou-se a 31 de Julho, no

quarto de Marik Lebrenn, gravemente ferido, a 28 de Julho, quando defendia, junto com o pai, com os seus amigos e muitos operários da rua de São Denis, a barricada construída, nos dias 27 e 28, a pouca distancia da casa paterna. Marik Lebrenn apanhara uma bala que lhe tinha partido um braço; esta ferida, já de si bem grave, tinha-se complicado com um esquentamento do tétano, causado pelo intenso calor que fazia durante estes dias de verão. Marik, graças aos cuidados do dr. Delaberge, amigo politico do pai e um dos heróis de Julho, escapou ao perigo do tétano, quasi sempre mortal; mas durante três dias, sofreu um ardente delirio; havia apenas uma hora que tinha recuperado a razão. A mãe estava sentada à cabeceira do doente, e a mulher debruçada sobre a cama, com o filhinho entre os braços. Marik, com voz fraca. — Como é bom, ao voltar à vida, achar-se uma pessoa entre uma mãe adorada e uma mulher querida, beijar um filho, e lembrar-se ao mesmo tempo de que cumpriu o seu dever de patriota! Mas onde está meu pai? A sr.ª Lebrenn. — Teu pai não foi ferido. Saiu há uma hora, para ir a uma última reunião a casa do sr. Godefroy Cavaignac, o valente democrata. Marik. — E os nossos amigos Martin, Duresnel e o general Oliveiros? A sr.ª Lebrenn. — Não podem tardar por aí. O general é o sr. Martin não foram feridos; o sr. Duresnel foi tocado ligeiramente num ombro, por uma bala perdida. Marik. — E Castillon? e Duchemin? A sr.ª Lebrenn, trocando um olhar de inteligência com a nora, que acabava de pôr o filhinho no berço. — Ainda não tivemos noticias desses bravos camara-  
das, Duchemin e Castillon. Marik, inquieto. — Então é porque estão gravemente feridos? Castillon não deixava de vir ver-me, porque foi ele que me levantou quando eu caí na barricada. Henry. — Os nossos amigos estão provavelmente

em alguma ambulância; mas, por Deus, não te inquietes assim, que estás ainda muito fraco, e ser-te-ia funesta qualquer commoção; nós só podemos dizer-te que teu pai não está ferido, e que a insurreição ficou vitoriosa. Marik. — O povo triunfou! Ainda bem!... Mas quem ganhará mais com isto? Neste momento entraram no quarto João Lebrenn e o general Oliveiros; a sr.ª Lebrenn levantou-se e disse ao marido, numa expansão de alegria maternal: — O nosso filho já recuperou completamente os sentidos, depois do sono prolongado que nos sossegou sobre a sua sorte; cerca de uma hora depois da tua partida, ele despertou com a razão completamente recuperada. Dissiparam-se então os nossos últimos receios; a convalescença começa bem. João Lebrenn, aproximando-se rapidamente do leito, contemplando Marik por algum tempo, e depois beijando-o com ternura. — Eis-te finalmente livre de perigo, meu querido filho!... Ah! de que peso está aliviado o meu coração! A felicidade que sinto neste momento consola-me das nossas decepções. A sr.ª Lebrenn. — Meu amigo, olha que o médico recomendou que se evitasse a Marik toda e qualquer commoção, por mais pequena que fosse... João Lebrenn. — Talvez até tivesse sido melhor tê-lo deixado na ignorância sobre o resultado da nossa vitória... mas agora já não é possível occultar-lhe a verdade. Marik. — Pode dizer tudo sem receio, meu pai. Sem dúvida é cruel uma decepção, mas nós já tínhamos notado nas nossas previsões. Seja qual for o governo que suceda ao de Carlos X, será sempre um progresso comparado com o regime odioso dos Bourbons. João Lebrenn. — Pois bem, meu filho, eis qual foi a nossa decepção: a República foi posta de parte pelos intrigantes da burguesia, e o duque de Orleans foi proclamado, no Paço municipal, como tenente-general do reino. Daqui a poucos dias, os deputados hão de oferecer-lhe a coroa.

Marik. — E os nossos amigos ensarilharam as armas logo em seguida à vitória? E La Fayette não interveiu na questão da realza? João Lebrenn. — Vou contar-te como se passou a commedia: os amigos dele, vendo os progressos da insurreição triunfante, e Carlos X quasi perdido, aproximaram-se dos Orleanistas. «Eu prossegui na minha narração: os deputados combinaram ontem que se reuniriam em sessão solene no palácio Bourbon, e assim se fez. O sr. Lafitte, nomeado presidente da assembleia, propoz que fosse conferido ao duque de Orleans o posto de tenente-general do reino. A maioria aplaudiu e nomeou uma comissão encarregada de ir à Câmara dos Pares, também então reunida, participar-lhe a resolução dos deputados. Os pares aclamaram cheios de entusiasmo esta decisão, porque assim previam que lhes ficavam garantidos pelo duque de Orleans, os seus lugares, títulos e vencimentos. Uma só voz protestou contra esta torpeza: foi a de Chateaubriand. Eis agora o que se passou no paço municipal: antes de chegar La Fayette, tinha-se instalado lá, na casa comum, uma comissão municipal, formada por Casimiro Périer, o general Lobau e os srs. Schonen, Audry de Puyraveau e Mauguin. Estes dois últimos, republicanos e opostos aos orleanistas, queriam que a comissão se intitulasse governo provisório; mas a maioria não consentiu nisso, e, bem pelo contrario, queria, ou tratar ainda com Carlos X como Casimiro Périer, ou conservar o lugar para o duque de Orleans como o general Lobau. Efectivamente, tendo-se apresentado os srs. Sémonville e de Sussy, em nome de Carlos X que oferecia a sua abdicção em favor de duque de Bordeaux, Casimiro Périer consentiu em atender essa proposta. Mas Audry de Puyraveau replicou indignado: — «Se se não romperem já essas vergonhosas negociações, eu faço vir o povo até aqui, senhor.» Estas palavras intimidaram Casimiro Périer, e os negociadores dos Bourbons tiveram de se retirar, intimados a isso por Mauguin, que lhes disse: — «Já tarde demais





## Pensamento e acção

NO

## Sindicalismo Revolucionário

O erro dalguns, também dos que vão pela maioria, no considerar reformista todo o movimento ou acção que tenha o principal fim de obter uma reforma, leva-os a considerar reformista também o sindicalismo, porque a luta cotidiana sindical tende a conquistar melhoramentos dos contratos de trabalho; novas condições económicas e morais, para mudar as relações sociais dos trabalhadores perante o capitalismo.

Mas há quem vá mais longe, e afirma que o movimento sindical operário é colaboracionista tratando com os capitalistas, e estipulando com eles contratos e tabelas de salários. Faz-se isto no terreno sindical, o que os reformistas fazem por meio da acção parlamentar, colaborando com a burguesia, a fim de obter melhores leis políticas e sociais.

E' com estes juízos erróneos, e com essas afirmações gratuitas que se desvaloriza o real conteúdo revolucionário da acção directa do sindicato. Com esta maneira de raciocinar poderemos chegar ao paradoxo que os *regulados* passaram e presentes são vis reformistas que, com a sua acção individual, fizeram—ou tentaram—mudar o caminho da política de certos governos no sentido democrático ou republicano. Um meio um tanto desproporcionado com referência ao fim, mas não reformista.

Mas deixemos em paz os mortos e certos paradoxos, e procuremos libertar-nos destes empecilhos que são frequentemente lançados ao longo do nosso caminho, e nos embaraçam bastante neste período de fatigante reconstrução sindical.

Ponhamos pois em evidência o profundo abismo que separa a tendência e a acção reformista propriamente dita, e a tendência revolucionária e a acção directa sindicalista; a colaboração de classes do reformismo, e a luta de classes do sindicalismo revolucionário.

Temos dito que o reformismo é uma tendência política que se baseia no princípio da transformação da sociedade mediante um lento, contínuo processo que se realiza através duma série de reformas graduais dentro das instituições vigentes, e valendo-se das próprias instituições para o conseguir; isto é do governo, do parlamento, dos Conselhos de Trabalho, etc. Acção reformista realizada de cima, pela própria burguesia que aperfeiçoa, melhora o regime com leves e efêmeras vantagens para a classe trabalhadora, mas que sobtando o consolidado regime capitalista, afastando-o do perigo dum movimento extra-legal revolucionário.

O reformismo, de facto, não é senão um duplicado da velha democracia e as gabeladas reformas—do período normal—não são senão um reflexo bastante pálido da acção directa do proletariado, ou foram impostas, e não têm em si mesmo um valor intrínseco para o proletariado. Porque as reformas legislativas, ou são a sanção legal, *formal*, duma conquista *substancial*, de classe, obtida mediante a acção directa sindical, e então, aquelas reformas não são o fruto da política reformista e colaboracionista, mas a consequência duma luta vitoriosa do proletariado no campo sindical. Ou então as reformas são devidas à política parlamentar ou à própria iniciativa do governo; neste caso encontram sempre a desconfiança ou oposição das massas operárias que aí reconhecem fáceis obstáculos postos para o seu prejuízo; ou são mutiladas, imperfeitas, ineficazes, ou, em suma, se têm qualquer valor, não são quasi nunca aplicadas em vista da acção *«sabotadora»* do capitalismo que não tem interesse em observá-las, pelo que os próprios reformistas são obrigados a recorrer à acção sindical, para fazer respeitar e executar as chamadas *boas leis* sociais!...

\*\*\*

Sobre princípios e métodos diametralmente opostos se baseia o sindicalismo revolucionário, que só admite a própria autonomia e a absoluta independência dos partidos e dos governos, nem querendo sofrer a sua influência que bem se sabe em que pode consistir.

As melhorias económicas, sociais, morais, do proletariado são—repetimos—o fruto da acção sindical desenvolvida pelo próprio proletariado, directamente. De facto as armas da greve, da boicotagem, do *cannery*, etc., nunca se poderiam delegar em representantes, como se faz com a arma parlamentar, o reformismo prodigaliza. A luta da classe trabalhadora sempre se trava no seu campo natural,—o campo económico da produção e do trabalho. Tem já sucedido o patronato ceder e fazer pactos com os trabalhadores, sem que estes tenham recorrido à acção, ou antes de iniciar a luta; mas isto tem acontecido pela pressão que as forças sindicais exercem sobre o patronato, que não ignora quais podem ser as consequências duma luta, e por isso evita. Também neste caso as conquistas operárias não são senão o fruto da acção sindical sem a qual o patronato não teria *exponetaneamente* cedido.

(Continua.)

A. GIOVANNETTI

## INTERESSES DE CLASSE

## O horário de trabalho nos estabelecimentos de barbearia

Li, há pouco, que a Comissão Administrativa da União dos Empregados Barbeiros ia pedir ao sr. Governador Civil o rigoroso cumprimento do horário de trabalho, certo como é que muitos patrões obrigam os seus empregados a trabalhar depois da hora do encerramento.

Propósito, venho referir um caso que bem aguilata da «temperatura» de certos patrões: Tendo o sr. Florido dos Santos, da Travessa da Queimada, sido, ainda não há muitos dias, multado na quantia de 514\$00, em virtude de desrespeitar o horário de trabalho, nem por isso o mesmo sr. Florido deixa de proceder como até ali.

Como consequência, os empregados que se recusaram a servir os fregueses que entram depois da hora estabelecida para o encerramento dos estabelecimentos, correm o risco de serem despedidos.

Este procedimento, pouco sério e pouco honesto, é adoptado por muitos colegas do sr. Florido, que assim têm o máximo desprazo pelo horário de trabalho, num manifesto prejuízo daqueles que se vêem obrigados a estar no seu serviço.

Para que este abuso e esta violência acabem, daqui incito a Comissão Administrativa da União da classe dos empregados barbeiros a que proceda com a máxima energia.

Findo estas breves linhas dizendo: quem tem deveres também deve ter direitos. Uns e outros devem estar numa relação directa, para que assim não haja conflitos e os interesses estejam num perfeito equilíbrio, numa justa harmonia.—*Amílcar Ribeiro*, (oficial de barbeiro).

## Solidariedade

## Festa de auxilio

Realiza-se no dia 24 do corrente, no Salão de Festas da Construção Civil, uma festa de auxilio a Ermelinda Costa, companheira de Filipe José da Costa, que se encontra a braços com uma terrível enfermidade que a impossibilita de trabalhar.

O espectáculo constará de um drama escolhido, um acto de variedades, em que tomam parte Elvira Guedes, Domingos Gonçalves, Arlete de Almeida, Branca Marques, Ivone Guedes, José de Almeida, Daniel Silva, José Esteves e o actor António Victorino, canção nacional por diversos cultivadores e representação da comédia «O comissário é uma joia».

Abre-lha a festa a troupe de bandolistas «Os Lusitanos». Os bilhetes podem ser procurados no grupo dramático «Solidariedade Operária».

## FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

## Salão de Festas da Construção Civil

CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º

SABADO, 16 DE ABRIL DE 1927

ÀS 21 HORAS PREFIXAS

Grandiosa festa promovida pela Comissão Escolar do Sindicato Único da Construção Civil em benefício das suas escolas

Subindo à scena uma engraçada comédia em 3 actos e que grandes aplausos tem obtido ultimamente neste Salão. Foi confiado o seu desempenho ao excelente Grupo Dramático Solidariedade Operária e será interpretada por D. Guilhermina de Almeida, D. Elvira Guedes, D. Domingas Bibi, meninas Ivone Guedes, Darlinda Marques e os srs. José de Almeida, José Esteves, Daniel Silva, Eduardo Ortiz, Carlos de Oliveira, Indio Marques e José Natário.

Convidamos todos os camaradas e suas famílias a assistirem a este espectáculo, que além de constituir um valioso auxilio para as escolas, é um dos espectáculos mais interessantes pela originalidade da comédia e pelo seu admirável desempenho. O distinto Grupo Musical «Os Bichinhos» executará as melhores peças do seu variado repertório. Os bilhetes podem ser procurados na administração de A Batalha e no continuo da sede.

## Biblioteca de Instrução Profissional

## Elementos gerais

Algebra elementar.....	13\$00
Arithmetica practica.....	15\$00
Desenho linear geometrico.....	12\$00
Elementos de electricidade.....	30\$00
Elementos de fisica.....	12\$00
Elementos de mecanica.....	12\$00
Elementos de modelação.....	12\$00
Elementos de projecções.....	16\$00
Elementos de quimica.....	12\$00
Geometria plana e no espaço.....	13\$00
Fabricante de tecidos.....	13\$00

## Mecânica

Torneiro e frezador mecanicos.....	15\$00
Desenho de maquinas.....	25\$00
Material agricola.....	13\$00
Nomenclatura de caldeiras e maquinas a vapor.....	13\$00
Problemas de maquinas.....	16\$00

## Construção Civil

Acabamentos das construções.....	16\$00
Alvenaria e Cantaria.....	13\$00
Edificações.....	13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações.....	13\$00
Materiais de construção.....	20\$00
Terraplenagens e alioeiros.....	13\$00
Trabalhos de Carpintaria.....	16\$00

## Diversas indústrias

Condutor de Maquinas.....	20\$00
Foguetim.....	16\$00
Formador e estucador.....	12\$00
Fundidor.....	13\$00
Piloteagem.....	16\$00
Industria alimentaria.....	12\$00
Industria do vidro.....	12\$00

## Manuais de officios

Galvanoplastia.....	16\$00
Motores de explosão.....	20\$00

## O NOSSO REAPARECIMENTO

## NOVAS SAUDAÇÕES

A acrescentar às saudações já publicadas temos hoje mais as seguintes:

Em nome do Grupo Libertário «Os Rebeldes», de Coimbra, recebemos do nosso camarada Rafael Dias Malaguerra, secretário correspondente do mesmo grupo, a seguinte entusiástica saudação:

«Os Rebeldes saúdam o enérgico e intemerado paladino das classes escravizadas e incitam-no a prosseguir com altivez e inquebrantável fé na espartacana luta contra os dominadores, contra os tiranos, na rota da Emancipação da Humanidade».

Também da mesma cidade chegou à nossa redacção uma saudação da «Ala Rubra», organismo académico de tendências libertárias.

A União dos Sindicatos Operários de Evora saudou A Batalha pelo seu reaparecimento.

A Sociedade Esperantista «Nova Vojro», na pessoa de alguns dos seus membros, veio apresentar-nos as suas saudações.

O camarada Matias José de Oliveira, de Graça do Divor, saudou também A Batalha pelo seu reaparecimento.

Do Sindicato Único da Construção Civil de Coimbra recebemos há dias uma saudação pelo reaparecimento de A Batalha. Por lapso, porém, veio publicada como sendo do S. da Construção Civil de Caminha. Os camaradas de Coimbra que nos relevem este lapso.

Afica a rectificação.

A Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais enviou-nos um cativante officio, saudando-nos pelo reaparecimento de A Batalha e fazendo votos para que ela continue trilhando a senda do ideal de solidariedade humana.

Os nossos agradecimentos a todos.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

## Publicações recebidas

## A personalidade jurídica das igrejas

Editado pela Imprensa Académica, de Coimbra, publicou o sr. Alberto Martins de Carvalho um opúsculo a que deu o título «A personalidade jurídica das igrejas». Notas ao decreto n.º 11887.

Agradecemos os exemplares recebidos.

Recebemos e agradecemos: Relatório da direcção e parecer do conselho fiscal da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal; o Boletim da Agência Geral das Colónias; e um folheto contendo a conferência que o sr. Francisco Antonio Correia realizou na sala dos Capêlos da Universidade de Coimbra e a que deu o título «A evolução económica e a crise social».

## Sobre organização

## O que quer o Sindicalismo Revolucionário

O Sindicalismo Revolucionário é a encarnação daquela tendência moderna no movimento operário que aspira a uma aglutinação económica de todos os operários manuais e intelectuais para os libertar pela acção directa e revolucionária do jogo do capitalismo e das instituições coercitivas estatais, preparando-os para a reorganização da sociedade sob a base do socialismo libertário ou anarquista. Em oposição aos modernos partidos operários socialistas dos diversos países os sindicalistas não se propõem agrupar os trabalhadores em determinados partidos políticos. As suas aspirações organizadoras são de preferência dirigidas no sentido de reunir os operários na sua qualidade de produtores e em demonstrar-lhes que a existência desta ordem social é dependente da sua actividade produtiva.

Por estas razões os sindicalistas não se dirigem às diversas correntes e frações políticas do proletariado, mas sim aos trabalhadores como criadores dos valores sociais—ao mineiro, ao mecânico, ao ferroviário, ao marítimo, ao trabalhador rural, ao técnico, ao químico, etc.—numa palavra, a todos os elementos produtivos, cuja actividade criadora rejuvenesce e mantém dia a dia a vida social.

E' pois, a Associação económica dos trabalhadores e os sindicalistas têm sempre em vista e na qual vêem a condição básica essencial para a emancipação das classes proletárias, entendendo, outrossim, que a política dos chamados partidos operários é o elemento de decomposição no movimento operário e um obstáculo no caminho da libertação.

## A unidade proletária

A missão da organização só pode ser preenchida se as necessidades, os interesses e as manifestações da vontade estão entre si solidamente fixadas e organicamente ligadas. Só partindo deste ponto de vista recebe um sentido e significação claros e hoje tão debatido problema da organização unitária. Em oposição aos partidos políticos, os sindicalistas vêem na organização económica a base verdadeira e natural da unidade proletária. Partido é sempre fragmento de um todo que quer impor da parte de fora, consciente ou inconscientemente, ao todo os seus objectivos particulares. A unidade interna do povo laborioso não significa, pois, um amontoamento arbitrário e puramente mecânico de elementos divergentes sob a coacção duma moria disciplinada; deve, antes, corresponder às necessidades gerais dos interesses e aspirações sociais, e encontrar nelas a sua base natural. Para isso não é decisiva uma organização política, mas a comunidade de interesses e de aspirações. Só na organização económica do proletariado é possível tal unidade, porque nela os trabalhadores estão ligados directamente à sua obra e são pessoalmente defensores, combatentes e portadores dos seus interesses, enquanto que na política sempre são figuras externas para a cuba dos partidos e instrumentos para determinados interesses particulares, que lhes são apresentados falsamente como próprios.

Rodolfo ROCKER

## Lisboa trágica

## Ciclista infeliz

Na Sala de Observações do hospital de São José deu entrada Pedro António Rodrigues, 49 anos, carpinteiro, natural de Lisboa, residente na rua de Penha de França, 2-A, 2.º, que, quando caminhava pela rua Heliodoro Salgado, foi surpreendido por um ciclista que pedalava vertiginosamente, colidindo-o e deixando-o gravemente ferido na cabeça.

## Queda de uma carroça

No Banco do hospital de São José recebeu curativo e recolheu a casa José Francisco Assis, 63 anos, servente, residente em Arranhal, concelho de Loures, que, seguindo numa carroça pela calçada de Carriche dela caiu, ficando ferido na cara.

## De um andaime à rua

Na enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José deu entrada Alexandre de Almeida, 23 anos, pedreiro, natural e residente em Grandola, na rua do Povo Velho, que, andando a trabalhar sobre um andaime montado numa comporta, em Alcaide do Sal, dali caiu, resultando ficar muito ferido pelo corpo.

## Menor atropelado

Pouco tempo depois de ter ingressado na sala de observações do hospital de São José faleceu Horácio João Ferreira, 7 anos, morador no bico do Surra, 25, que foi atropelado na rua dos Remédios por um camião da Companhia Portugal e Colónias.

## Colhido por um guindaste

André Cabrita, trabalhador, 27 anos, rua da Verónica, 31, foi colhido por um guindaste na estação de Santa Apolónia, recebendo contusões nas costas. Depois de lhe ter sido feito o necessário curativo recolheu a sua casa.

## O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo. Por Arkonof. Preço 1\$50.

## A prisão dos ferroviários do Sul e Sueste

## Uma representação da Federação Ferroviária sobre o assunto

Uma comissão da Federação Ferroviária, acompanhada por delegados do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste, procurou ontem entrevistar-se com os srs. presidente da República, ministro da Guerra e ministro do Interior, a fim de lhes fazer a entrega de uma exposição que trata da situação dos ferroviários deportados e presos.

Na presidência da república, fez entrega da referida exposição ao capitão sr. Menezes Alves, que a transmitirá ao sr. presidente, marcando uma audiência à cidade comissão para a próxima terça-feira.

Nos ministérios da Guerra e do Interior não foi recebida, devido ao primeiro não se encontrar em Lisboa e o segundo não a poder receber hoje.

A mesma Comissão também procurou o sr. ministro do Comércio, a fim de saber o resultado duma exposição ali entregue, sobre os bilhetes de identidade dos ferroviários e suas famílias, que lhes foram retirados, não tendo sido recebida por o referido ministro se encontrar doente.

Os presos a que se refere a referida representação são os seguintes: Miguel Correia, preso em 19 de Agosto e deportado para a cidade da Praia—Cabo Verde, em 19 de Setembro de 1926.

Alfredo António de Carvalho, revisor de bilhetes nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, preso em 8 de Fevereiro e deportado para Loanda, a bordo do vapor «Lourenço Marques».

Os presos que se encontram nas prisões de Lisboa são:

Armando Jesus Silva, preso em Beja no dia 23-2-1927.

Manuel Joaquim Velhinho, preso em Beja no dia 4-2-1927.

João Borges da Rocha, preso no dia 23-2-1927 no Barreiro, onde tinha sido chamado a comparecer no comando militar daquela vila.

Francisco Zorro, preso no Barreiro no dia 24-2-1927, em igualdade de circunstâncias do anterior.

António Luís G. Pegado, preso no Barreiro no dia 23-2-1927, em igualdade de circunstâncias dos anteriores.

Armando José Simões, preso no Barreiro em 23-2-1927.

Bernardino Augusto Xavier, preso no Barreiro em 15-3-1927. Este preso ferroviário estava com parte de doente desde o dia 1 de Novembro de 1926 e estava n.º 1 para dar entrada no Sanatório Vasconcelos Porto por indicação da junta médica.

João Correia de Barros, preso no Barreiro no dia 15-3-1927.

Alvaro Avelino Serra, preso em 22-3-1927 em Lisboa no consultório do médico, onde andava em tratamento, visto que se encontrava com parte de doente há bastante tempo.

António Bravo, preso no Barreiro no dia 23-3-1927.

Júlio César de Sousa Vilas Boas, preso no dia 23-2-1927, em Lisboa, na sua residência, visto encontrar-se com parte de doente há bastante tempo.

João Fernandes Júnior, preso no Barreiro no dia 23-3-1927.

José C. Sales Grade, preso em Lisboa em 23-2-1927. Todos estes presos se encontram na cadeia Civil de Monsanto e são ferroviários do Sul e Sueste.

Manuel Portulez Saraiva, ex-ferroviário da Beira Alta, preso no dia 16-2-1927 na Figueira da Foz, também se encontra na cadeia de Monsanto.

Os presos que se encontram na Penitenciária são:

Augusto Felix Marques, preso no Barreiro no dia 25-2-1927.

José Augusto Monteiro, preso no Barreiro.

José Gonçalves Café, preso no dia 8-2-1927.

António José Piloto, preso no Barreiro no dia 23-2-1927. Este ferroviário foi preso na sua residência, visto se encontrar retido no leito há muito tempo e por esse motivo estava com parte de doente e presentemente está na Enfermaria da Penitenciária, todos estes ferroviários são do Sul e Sueste.

Belmiro Pereira, preso no Porto, é ferroviário do Minho e Douro e também está na Penitenciária.

Além destes há outros presos do Minho e Douro que seguem a bordo do vapor «Lourenço Marques», cujos nomes são ignorados.

## Vida Sindical

## Comunicações

Manipuladores de Pão.—A todos os componentes das comissões por áreas e aqueles que o possam fazer, se pede a comparencia hoje, às 13 horas, na sede do sindicato, a fim de lhes serem entregues convocações para a assembleia que se realiza na próxima segunda-feira.

## Convocações

REÚNEM HOJE:

Sindicato U. C. Civil.—Conselho Técnico.—Pelas 21 horas o Conselho de Delegados.

Secção Profissional dos Pedreiros.—Pelas 21 horas a comissão administrativa e todos os camaradas que tenham cargos nesta Secção, para tratar de vários assuntos de interesse para a classe.

## MOVIMENTO MARITIMO

Entraram ontem no nosso porto os vapores portugueses «Pinhel», de Licata e Sfax, e «Rai», de Roterdão, Antuérpia e Porto; belga «Duque de Brabant», de Oran; alemães «Lüneke», de Hamburgo e Porto, e «Faror», de Bremen, Roterdão e Porto, todos com carga diversa; dinamarqueses «Yuge Maersk», de Cardiff, com carvão, e noruegueses «Blatfeld», de Cardiff e Vila Real de Santo António, com cortiça.

Depacharam para sair os vapores americanos «William Campton», para Filadélfia e Baltimore, alemães «Gans», para Bremen, e «Charlotte Cord», para Antuérpia, todos com carga diversa; italiano «Frisco», para Trieste, vazio.

## CRONICA DO ESTRANGEIRO

## Informação telegráfica

## A ficção pacifista

Continua a discutir-se em Genebra

GENEIRA, 14.—Na reunião preparatória de ontem da conferência do desarmamento, foi discutido o controle proposto pela Itália.

O representante da França, sr. Paul Boncour, declarou estar pronto a votar o controle, se todas as nações procederem de igual forma. Os outros delegados aceitaram em princípio a proposta, que, por fim, foi rejeitada.

A união preparatória aprovou uma proposta belga estabelecendo a denúncia anual de quantidade e características dos aparelhos aéreos.—(L.)

## Legislação burguesa

## O direito do voto às mulheres

LONDRES, 14.—O sr. Baldwin, falando na câmara dos comuns, declarou ser sua intenção levar na próxima sessão a conselho de ministros um projecto de lei concedendo o direito do voto às mulheres dos 21 aos 30 anos.

Respondendo a um deputado disse não poder garantir se o projecto seria convertido em lei de modo a entrar em vigor no próximo verão, pois isso dependia da vida do parlamento.

Se este chegar ao seu termo a lei terá efeito nas próximas eleições.

Disse mais que era possível encerrar-se o parlamento em julho, reabrindo com suficiente antecedência para poderem ser discutidas duas importantes medidas, uma das quais a lei sobre o sufrágio antes do Natal.—(L.)

## A República intangível...

BERLIM, 14.—O conselho do Reich aprovou por 37 votos contra 30, o novo código penal, contendo sanções severas contra os que insultem publicamente a República.—(L.)

## Visões da cinema

## Um incêndio nunca visto

NOVA-YORK, 14.—Durante cinco horas da noite passada, alguns milhares de neorquinos assistiram ao mais espectacular incêndio de que há memória.

O fogo declarou num andaime do edificio em construção para um novo hotel na quinta avenida, junto do parque central, comunicando-se à estrutura dos seus 40 andares, com 600 pés de altura.

Grande número de peças incendiadas caíram sobre os prédios vizinhos comunicando-lhes o fogo, que em todos eles foi rapidamente extinto.

No parque central compareceram-se mais de 500.000 espectadores, sendo disputados por valiosas somas as fotografias e os filmes das várias fases do incêndio, que se extinguiu por si durante a noite.—(L.)

## Um russo escondido

GENEIRA, 14.—A polícia secreta está procurando encontrar o rasto dum misterioso russo, sobre o qual recebeu informação de que, por meio dum passaporte falso e dum identico bilhete de entrada, conseguiu assistir a todas as sessões da recente reunião do conselho executivo da Sociedade das Nações, bem como tem assistido às

da comissão preparatória da conferência do desarmamento, agora reunida.

O individuo que se supõe ser um espião de Moscovo, desapareceu subitamente assim que a polícia súa iniciou secretamente o inquérito.—(L.)

## Um homem com muito dinheiro

PARIS, 14.—Foi preso o dr. Heller, ao serviço da terceira internacional. A polícia apreendeu-lhe grandes somas de dinheiro e documentos falsos.—(L.)

## Diversas notícias

## Um desastre de aviação

STRASBURGO, 14.—Quando um avião militar francês passava sobre Gernersheim, incendiou-se subitamente.

O mecânico, aterrado, atirou-se do aparelho, a uma altura de 300 metros, tendo morte instantânea.

O piloto conservou-se, porém, serenamente no seu posto, aterrando e conseguindo assim escapar ileso do incêndio que devorou o avião.—(L.)

PARIS, 14.—O comandante Wisss, os sargentos Troyat e Leroy e o ajudante Marie efectuaram o voo Paris-Marselha e volta numa noite.—(